



**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE
MESTRADO EM SAÚDE E AMBIENTE**

**SAÚDE GERAL E ESTRESSE EM MULHERES TRABALHADORAS
DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

STEFANIE SILVA VIEIRA

Aracaju – Sergipe
2018



**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E AMBIENTE
MESTRADO EM SAÚDE E AMBIENTE**

**SAÚDE GERAL E ESTRESSE EM MULHERES TRABALHADORAS
DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Dissertação de Mestrado/Exame de defesa
submetido à banca examinadora para a
obtenção do título de Mestre em Saúde e
Ambiente, na área de concentração Saúde e
Ambiente.

STEFANIE SILVA VIEIRA

Orientadores

Prof. Dr. Diego Freitas Rodrigues

Prof^a. Dr^a. Cristiane Costa da Cunha Oliveira

Aracaju – Sergipe
2018

V657s Vieira, Stefanie Silva
Saúde geral e estresse em mulheres trabalhadoras da construção civil / Stefanie Silva Vieira ; orientação [de] Prof.º Dr.º Diego Freitas Rodrigues, Prof.ª Dr.ª Cristiane Costa da Cunha Oliveira – Aracaju: UNIT, 2018.

109 f. il.: 30cm

Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) - Universidade Tiradentes, 2018
Inclui bibliografia.

1. Estresse. 2. Saúde geral. 3. Gênero. 4. Mercado de trabalho. I. Vieira, Stefanie Silva. II. Rodrigues, Diego Freitas. (orient.). III. Oliveira, Cristiane Costa da Cunha (orient.). IV. Universidade Tiradentes. V. Título.

CDU: 624-055.2: 331.442

SAÚDE GERAL E ESTRESSE EM MULHERES TRABALHADORAS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Stefanie Silva Vieira

“DISSERTAÇÃO DE MESTRADO SUBMETIDA À BANCA EXAMINADORA PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM SAÚDE E AMBIENTE, NA ÁREA DE
CONCENTRAÇÃO SAÚDE E AMBIENTE.

Aprovada por:”

Diego Freitas Rodrigues, Dr.
Orientador

Cristiane Costa da Cunha Oliveira, Dr^a
Orientadora

Andressa Sales Coelho, Dr^a
Universidade Tiradentes, SE
(Examinadora Interna)

Janaína Accordi Junkes, Dr^a
Centro Universitário Tiradentes, AL
(Examinadora Externa)

ARACAJU

2018

DEDICATÓRIA

Ao meu amado filho Juninho, pelo simples e magnífico fato de existir, preenchendo minha vida de muito amor.

A minha família, que sempre me apoiou, direta ou indiretamente, para alcançar meus sonhos, em especial a minha mainha Luzia.

Dedico a todos que acompanharam e acreditaram em meu esforço e trabalho durante esta jornada.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas a quem devo agradecer, desde o início da minha vida até os dias de hoje. Agradeço a Deus o dom da vida e sabedoria para poder seguir cada caminho percorrido.

A minha família pelo apoio e incentivo diário, sem vocês não conseguiria nada.

A minha mainha Luzia que é exemplo de vida para todos nós. Ao meu painho Moacir que sempre esteve incentivando. Aos meus queridos e amados irmãos Wendell e Liliane, amo muito vocês. Minha sobrinha Victória a adolescente mais linda e amável do mundo, tia te ama. Ao meu amor, Kaiki, por tudo o que vivemos juntos, pelo incentivo e carinho. As minhas amigas as “tangas” que estão comigo, desde sempre e para sempre.

Aos colegas da turma de Mestrado/Doutorado (turma de 07 meses), pela oportunidade de desfrutar momentos tão agradáveis e enriquecedores. Em especial, não poderia deixar de agradecer as “Poderosas”, Maraisa Oliveira, Ana Carla Guedes, Luciana Rodrigues e Marcelle Prata, a amizade verdadeira, companheirismo e parceria, quero tê-las comigo sempre. Aos poucos nos tornamos mais que colegas de turma, somos agora amigas da vida.

Aos amigos que tornaram essa caminhada mais leve, com as conversas na madrugada de Fany, as viagens e muitas risadas com Taci, os amigos de todos os laboratórios que frequentava.

Ao meu orientador prof. Dr^o Diego Rodrigues, melhor dizendo, Jedi Diego, por acreditar em mim, sempre compartilhando seu enorme conhecimento, por meio de orientação humana, descontraída, competente e acolhedora, meu muito obrigada por tudo, que a força esteja conosco sempre. A minha orientadora prof. Dr^a Cristiane, um doce de pessoa, sempre muito prestativa e competente, obrigada por me guiar tão bem. São professores como vocês dois que inspiram alunos a serem cada vez mais dedicados e comprometidos.

As Construtoras, pelo apoio e pela disponibilização de profissionais para a realização das entrevistas. Às profissionais entrevistadas, por dedicarem parte do seu tempo em responder às perguntas e por contribuírem para a realização desta pesquisa, vocês são umas guerreiras. Aos Funcionários e professores do PSA, ao laboratório de pesquisa LPPS, a CAPES, Fapitec e Universidade Tiradentes por disponibilizar o apoio financeiro e toda a infraestrutura necessária para realização do estudo.

Por fim, e não menos importante, gostaria de agradecer em especial ao meu pequeno grande homem, meu amado filho, JUNINHO, obrigada por existir e por me incentivar a lutar com garra diariamente, esta conquista é nossa, você traz luz para minha vida, esse laço que nos une é o amor, te amo.

SUMÁRIO

RESUMO	11
ABSTRACT	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo Geral	15
2.2 Objetivos Específicos	15
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
3.1 A saúde geral e estresse (histórico e definição)	16
3.2 Fases do estresse.....	20
3.3 Impacto do estresse sobre a saúde	23
3.4 Estresse e as relações com trabalho e gênero.....	25
3.5 A mulher no ramo da construção civil.....	27
4 MATERIAIS E MÉTODOS	29
4.1 Delineamento.....	29
4.2 População e Amostra.....	29
4.2.1 População	29
4.2.2 Amostra.....	29
4.2.2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão	30
4.3 Instrumentos de coleta de dados	30
4.3.1 Questionário sócio demográfico	30
4.3.2 Escala de Estresse Percebido (PSS)	31
4.3.3 Questionário de Saúde Geral (QSG-12).....	31
4.3.4 Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)	31
4.3.5 Roteiro de Entrevista:.....	32
4.4 Aspectos Éticos	32
4.4.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	32
4.5 Sistemática de Coleta de Dados	33
4.6 Análise dos dados.....	33
4.6.1 Quantitativos	33
4.6.2 Qualitativos	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
6 CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Características sócio-demográficas das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju -2017.....	34
Tabela 2: Frequência de cargos das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE -2017.....	35
Tabela 3: Médias e Desvios- Padrão da Idade, carga horária, estresse percebido, saúde geral e seus fatores: auto-eficácia e ansiedade e depressão.....	36
Tabela 4: Correlação entre escala de estresse percebido e o questionário de saúde geral das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE- 2017.....	36
Tabela 5: Diferenças de Médias com as variáveis sociodemográficas e estresse percebido por mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE-2017.....	37
Tabela 6: Médias das fases do estresse e do questionário de saúde geral de mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE 2017.....	39
Tabela 7: Dificuldades encontradas pelas mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE- 2017	41

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Aspectos da configuração estimuladora do estresse	17
Figura 2: As fases do estresse e consequências principais	20
Figura 3: Esquema organizador dos temas e subcategorias acerca das dificuldades no ambiente de trabalho	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

QSG-12 – Questionário de Saúde Geral 12;

PSS - Perceived Stress Scale

ISSL – Inventário de Sintomas de Stress para Adultos;

GAS – General Adaptation Syndrome;

SAG – Síndrome de Adaptação Geral;

SINDUSCON – Sindicato da Indústria da Construção Civil;

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social;

RESUMO

Observa-se que as condições de vida, saúde e trabalho têm mudado de maneira contínua e sustentada na maioria dos países no último século, devido aos progressos do desenvolvimento econômico e social. A saúde envolve não somente o perfeito bem estar físico, mental e social do indivíduo, mas também o seu estilo de vida e trabalho. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho têm contribuído para o aparecimento do estresse. O estresse tem sido um indicador importante e determinante para uma boa qualidade de vida fica evidente a relevância da análise entre os índices de saúde geral e de estresse nas mulheres trabalhadoras. Atualmente, fica evidente a participação das mulheres em locais tradicionalmente ocupados por homens como a construção civil. Diante deste cenário, o objetivo do estudo foi identificar os índices de estresse e de saúde geral entre mulheres trabalhadoras em obras de construção civil da grande Aracaju-SE. A pesquisa foi do tipo métodos mistos, de campo, sendo realizada coleta de dados, nas quais, as mulheres trabalhadoras no ramo da construção civil de obras pré-selecionadas responderam o questionário sociodemográfico, questionário de saúde geral (QSG-12), escala de estresse percebido (PSS), inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL) e um roteiro de entrevista semi-estruturada a fim de evidenciar dados referentes a relação entre saúde e estresse no âmbito ocupacional. Para análise estatística dos dados foram utilizados o teste Exato de Fisher (associações entre variáveis categóricas), as diferenças de média foram avaliadas por meio da Análise de Variância (ANOVA) e a correlação de Spearman (variáveis contínuas, discretas e ordinais). O nível de significância adotado foi de 5% e o software utilizado foi o R Core Team 2017. Para análise dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo. Participaram do estudo 57 mulheres trabalhadoras de oito empresas de construção civil. A idade média das participantes foi de 32 anos com carga horária de trabalho semanal de 42 horas. A maioria (96,5%) considerou-se saudável e habitavam em imóvel próprio (71,9%). O estresse revelou-se positivo em 64,9% e 89,1% encontravam-se na fase de resistência. Os resultados qualitativos identificaram que a inserção da mulher no mercado de trabalho no segmento de construção civil, culturalmente destinado aos homens, traz consigo pontos importantes, tais como: o estresse e dificuldades vivenciadas pelas mulheres que trabalham diretamente no canteiro de obras, preconceito, machismo e assédio. Foi possível traçar o perfil sociodemográfico, conhecer características de trabalho, assim como identificar os níveis de estresse e constatar a sua relação com a saúde geral. Logo então, considera-se importante o desenvolvimento de estudos que ajudem a compreensão dessas novas mudanças e configurações femininas entendendo a relação do estresse com a saúde.

Palavras-Chave: Estresse; Saúde Geral; Gênero; Mercado de Trabalho.

ABSTRACT

It is observed that living conditions, health and work have changed continuously and sustained in most countries in the last century, due to the progress of economic and social development. Health involves not only the individual's perfect physical, mental and social well-being, but also their lifestyle and work. Changes in the world of work have contributed to the onset of stress. Stress has been as an important and determinant indicator for a good quality of life makes evident the relevance of the analysis between the indexes of general health and stress in working women. At present, the participation of women in places traditionally occupied by men such as civil construction is evident. In view of this scenario, the objective of the study was to identify the stress and general health indexes among working women in civil construction works in the greater Aracaju-SE. The research was a mixed-field method, where data collection was performed, in which women workers in the construction industry of pre-selected works answered the sociodemographic questionnaire, general health questionnaire (QSG-12), perceived stress (PSS), an inventory of stress symptoms for adults of Lipp (ISSL) and a semi-structured interview script in order to evidence data on the relationship between health and stress in the occupational field. For the statistical analysis of the data, the Fisher Exact test (associations between categorical variables) was used. The mean differences were evaluated using the Analysis of Variance (ANOVA) and Spearman correlation (continuous, discrete and ordinal variables). The significance level adopted was 5% and the software used was the R Core Team 2017. Content analysis was used to analyze the qualitative data. 57 women workers from eight construction companies participated in the study. The mean age of participants was 32 years with a weekly workload of 42 hours. The majority (96.5%) considered themselves healthy and lived in their own property (71.9%). The stress was positive in 64.9% and 89.1% were in the resistance phase. The qualitative results identified that the insertion of women into the labor market in the civil construction segment, culturally destined to men, brings with it important points such as: stress and difficulties experienced by women who work directly on the construction site, prejudice, machismo and harassment. In this research, it was possible to trace the sociodemographic profile, to know the work characteristics, as well as to identify the stress levels and to verify their relation with the general health. Therefore, it is considered important to develop studies that help the understanding of these new changes and female configurations, understanding the relationship between stress and health

Key-words: Stress; General health; Genre; Job marke

1 INTRODUÇÃO

Atualmente vem sendo discutidas diversas questões referentes às mulheres, principalmente no tocante às suas representações sociais, sua condição na sociedade e a inserção no mercado de trabalho. O processo de socialização pelo qual a mulher sempre figurou como sujeito secundário na história é fruto da construção de diferentes papéis sociais para os homens e mulheres.

Neste sentido, compreendendo-se a relevância para o bem-estar social, que deverá existir pessoas que se ocupem não somente com o trabalho reprodutivo (ligado ao cuidado com crianças, atividades domésticas, alimentação, higiene e etc.), a inserção da mulher no mercado de trabalho, conduziu modificações para a organização da vida familiar provocando indagações sobre a organização do trabalho e suas consequências (BARBOSA; ALVAREZ, 2015).

O estresse é um dos possíveis causadores de diversas doenças, quando muito intenso ou frequente pode propiciar o adoecimento nos indivíduos, causando alterações no organismo. Pesquisadores apontaram esta relação do estresse e o adoecimento em geral, neste sentido, a maioria dos estudos está voltado para a saúde do trabalhador no âmbito ocupacional, incluindo o estresse como um dos principais fatores que levam o sujeito ao adoecimento (GLINA *et al.*, 2001; PAFARO; MARTINO, 2004; UMANN *et al.*, 2014).

Os locais profissionais para a atuação da mulher vêm crescendo gradativamente e a inserção desta na indústria de construção civil provoca indagações nos padrões culturais e nas representações sociais. A crescente demanda feminina no ramo da construção civil torna-se uma excelente oportunidade para o ingresso de mulheres neste mercado de trabalho, no entanto, a cultura marcada pela masculinidade, acarreta ambientes estressantes com discriminações de gênero (CATTEL *et al.*, 2016).

A presença de estresse nas trabalhadoras do setor da construção civil está cada vez mais marcante devido a crescente demanda por mais produtividade com desafios para atingir metas de tempo, qualidade e custo. O estresse afeta diretamente a saúde do trabalhador e com isso, impacta no desempenho e produtividade, assim como também, traz prejuízos na motivação, nas relações interpessoais e na satisfação com o trabalho (SILVA, *et al.*, 2017).

Sendo assim, faz-se necessário superar as dificuldades existentes para o processo de mais inclusão e permanência das mulheres no cenário trabalhista, buscando desenvolver suas atividades nas mesmas condições que os homens, principalmente nos locais de trabalhos descritamente masculinizados, como exemplo: obras de construção civil.

Com isso, o estudo buscou revelar os índices de estresse correlacionados com as questões femininas, a partir da descrição das dificuldades apresentadas pelas mulheres nos seus locais de trabalho.

Portanto a pesquisa objetivou elucidar como o índice de saúde geral se relaciona com o índice de estresse em mulheres trabalhadoras em obras de construção civil, analisando a relação do estresse com os transtornos de ansiedade e de depressão leves e o fator auto-eficácia que, apesar de bastante discutido na literatura, pouco se tem investigado a interface com o os índices de estresse e relações de gênero em obras de construção civil.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Identificar os índices de estresse e de saúde geral entre mulheres trabalhadoras em obras de construção civil nos municípios de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil.

2.2 Objetivos Específicos

- Verificar os níveis de estresse entre as mulheres trabalhadoras da construção civil da cidade de Aracaju-SE por meio do inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL).
- Investigar a relação do estresse com os transtornos depressivo, ansiedade leve e o fator auto-eficácia na escala QSG-12.
- Identificar as principais dificuldades encontradas pelas mulheres no ambiente de trabalho.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A saúde geral e estresse (histórico e definição)

Atualmente se questiona o significado da saúde e suas repercussões, não limitando o conceito de saúde definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a situação de perfeito bem estar físico, social e mental. Tal conceito mostra uma visão utópica, irreal, ultrapassada e unilateral, uma vez que questões relacionadas à saúde modificarão mediante o contexto histórico, cultural, pessoal, social, filosófico e científico (SEGRE, FERRAZ, 1997; SCLIAR, 2007, NORDENFELT, 2017).

Considera-se que o conceito de saúde engloba nuances subjetivas e que no contexto atual é importante levar em consideração as condições sociais que busquem respeitar a pluralidade do ser humano, os determinantes sociais devem valorizar a diversidade e complexidade do sujeito no tocante a sua saúde. Com isso, se faz necessário compreender os aspectos relevantes que influenciam e proporcionam a qualidade de vida e saúde (ARAÚJO *et al.*, 2008).

É notório que existem fatores individuais, ambientais, sociais, econômicos e culturais que se relacionam com a saúde do ser humano e a sociedade. A saúde é o processo onde o corpo, mente, ecossistema e ambiente se relacionam em harmonia. O desequilíbrio no estado destes componentes em geral no indivíduo faz com que o sujeito não denote o perfeito bem estar, propiciando o aparecimento do estresse, e que este traz consequências negativas para a saúde mental do ser humano (SCHÖNFELD *et al.*, 2016).

O termo estresse, apesar de ser bastante utilizado desde o seu surgimento nas pesquisas, não é um conceito muito unificado, uma vez que passou por modificações em diversas áreas de conhecimento. Neste sentido, existem trabalhos que elucidam o desenvolvimento conceitual do estresse a partir das variadas abordagens e perspectivas teóricas e históricas que objetivam fomentar evidências acerca do fenômeno estresse (FARIAS, 1985; FINK, 2009; FARO, PEREIRA, 2013; COHEN *et al.*, 2016).

A definição da terminologia estresse necessita do entendimento histórico e dos mecanismos fisiológicos que geram respostas integradas ao enfrentamento de situações adversas que refere-se ao conceito tradicional de homeostase. Walter Cannon, fisiologista da Universidade de Havard foi o pioneiro nos estudos sobre a homeostase, segundo o autor

o corpo possui um mecanismo interno para manter o funcionamento corpóreo estável e equilibrado. Cannon, em suas pesquisas de fisiologia experimental evidenciou que a homeostase deve ser entendida como a preservação da estabilidade do meio interno, que comporta a adaptação do organismo diante das mudanças do ambiente externo (CANNON, 1935).

Foram desenvolvidas também por Cannon pesquisas sobre a teoria de “luta e fuga” para descrever à resposta de animais as ameaças expostas, explicando que os animais reagem com as descargas do Sistema Nervoso Simpático. O estudo a essas respostas foi mais tarde estudadas como sendo a primeira fase da reação aguda ao estresse de uma adaptação geral postulada por Hans Selye (GOLDSTEIN; KOPIN, 2007).

Sob influência dos estudos de Cannon, Hans Hugo Bruno Selye conhecido como “pai do estresse”, iniciou seus estudos sobre o estresse enquanto ainda era estudante de medicina em 1926 ao observar que os pacientes possuíam muitos sintomas “inespecíficos” que eram comuns aos estímulos estressantes vivenciados pelo corpo. Estas observações clínicas, juntamente com experimentos feitos em ratos incitou Selye a denominar a *General Adaptation Syndrome* (GAS) afirmando desta maneira, que a exposição ao estresse resultou em doenças de adaptação (FINK, 2009).

A Síndrome de Adaptação Geral (SAG) é entendida através de padrões regulares de respostas neurofisiológicas que seguem por um processo de fases (três bem determinadas). Neste sentido, todo processo da SAG envolve consumo de energia adaptativa uma vez que o aparato natural de defesa é ativado frente a qualquer estímulo de natureza psicológica, biológica ou social (SELYE, 1936).

De acordo com Selye, o estresse conceitua-se como uma reação, resposta orgânica inespecífica frente a uma demanda qualquer que altere o estado de homeostase do indivíduo. Selye apresentou quatro pontos que devem ser relevantes para o estudo relativo ao estresse: inespecificidade da resposta, presença de um complexo de reações fisiológicas, excesso de consumo de energia para adaptação e surgimento de diversas doenças adaptativas (SELYE, 1954;1993).

McEwen e McEwen (2016) observaram que o uso comum e muitas vezes inapropriado da conceituação do estresse, permitiu pesquisadores de diversas áreas, tais como biologia, neurociências, desenvolvimento humano e psicologia estudar cada vez mais

as condições em que ocorrem as respostas do estresse, as influências à saúde dos organismos e sua capacidade de adaptação.

Variadas áreas do conhecimento (ciências biológicas, sociais e humanas) investigam o estresse como sendo objeto de estudo multifacetado e complexo, e, a própria definição pode ser abordada por diferentes vertentes de pesquisa. A primeira está baseada na resposta (repercussão biológica do fenômeno), a segunda refere-se ao estímulo (eventos sociais e psicossociais que iniciam as respostas ao estresse) e por fim, a perspectiva cognitivista, na qual compreende o estresse como sendo uma relação própria entre o meio e o sujeito (FARO; PEREIRA, 2013).

Viner (1999) em seu trabalho intitulado como *“Putting Stress in Life: Hans Selye and the Making of Stress Theory”* descreveu que o estresse tornou-se uma explicação universal para o comportamento humano na sociedade industrial. Com isso, o autor relata que a descoberta do estresse proposta por Selye surgiu a partir do interesse na instabilidade dos sistemas corporais na fisiologia nos anos 30, entretanto, suas descobertas foram rejeitadas por muitos fisiologistas até a década de 1970.

O conceito do estresse no enfoque biológico está relacionado como um conjunto de reações fisiológicas que foram desenvolvidas na teoria de Selye e estudada por diversos autores. Em suma, o estresse é apresentado como sendo um processo que consiste em reações internas que podem estimular a perda e/ou falência de determinados órgãos, instabilidade funcional dos tecidos pelo efeito do estressor sobre o corpo (SELYE, 1954).

Farias (1985) relatou que as fundamentais expressões do estresse na biologia se basearam em conceitos da medicina, pois, foi nesta área que desenvolveu-se os primeiros estudos e investigações, especialmente na correlação entre doença coronária e o estresse. Desta maneira, o autor enfatiza também a importância de expor as demais teorias sobre o estresse, não deixando de apresentar as limitações de cada abordagem.

Sob o âmbito da linha de estudo baseado nos eventos sociais e psicossociais que incitam as respostas ao estresse, pode-se destacar Dohrenwend (1973) ao estudar as relações entre os tipos de estressores e a correlação com as reações fisiológicas. Com isso, o autor relata que não é interessante apenas a identificação das repercussões do estresse, mas, os estudos devem atentar-se para a detecção dos estressores que motivaram o seu desencadeamento.

Lazarus e Folkman (1984) enfatizaram os estudos sobre o estresse apresentando a relação entre o sujeito e o ambiente, dando importância às características singulares e à natureza do evento ambiental. Esta relação particular envolve um processo psicológico que se processa em etapas a partir dos estímulos estressantes.

Na ótica cognitivista o estudo sobre a teoria do estresse teve como seu principal representante Lazarus (1993) que identificou o estresse como sendo um processo relacional voltado para as singularidades das interações. Neste sentido, quando um estímulo é reconhecido como fator de prejuízo, dano ou ameaça, as respostas ligadas ao estresse são apresentadas, uma vez que existe influência dos aspectos psicológicos (estratégias de enfrentamento - *coping*) do indivíduo no meio em que este está inserido.

Os estudos de Lazarus sobre a ótica cognitiva do estresse pode ser resumidamente explicada através da ilustração proposta por Farias (1985). (Figura 1).

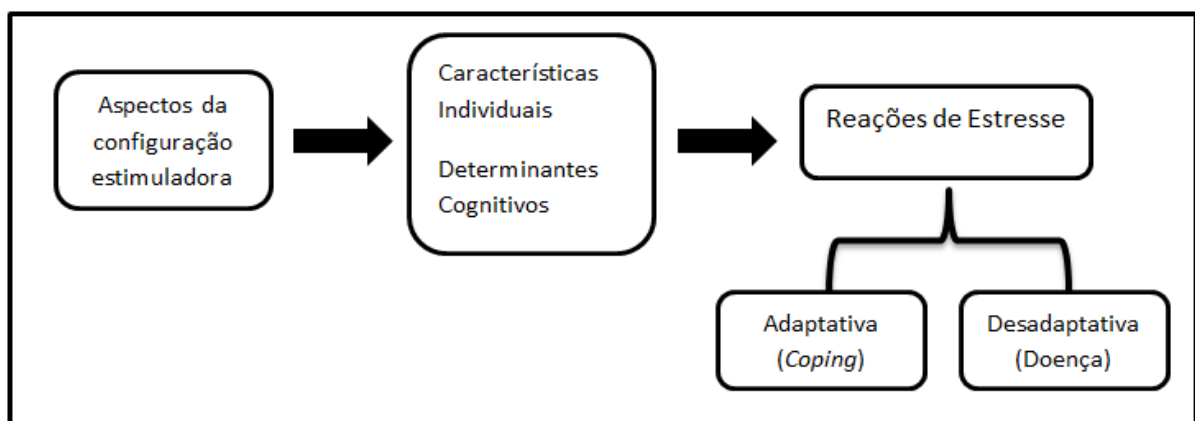


Figura 1: Aspectos da configuração estimuladora do estresse. Adaptado: Farias (1985).

Mikhail (1981) relatou que as concepções psicológicas e fisiológicas do estresse evoluíram dentro dos seus respectivos campos de estudo, e com isso, não é possível unificar a definição do estresse em uma única abordagem. Fica notório que independente da área a ser investigada, na teoria do estresse deve-se observar os diversos fatores que influenciam o fenômeno, desde o seu conceito até as diversas reflexões de análise.

No Brasil, Filgueiras e Hippert (1999) procuraram explicitar toda problemática existente em torno do conceito de estresse, trazendo como base um dos principais estudiosos do tema (Hans Selye). Sob influência da literatura internacional e brasileira (apresentando autores e linhas de estudos acerca do estresse), Filgueiras e Hippert (1999) verificaram que a definição do estresse era um tanto imprecisa, uma vez que, os diferentes campos de pesquisa propõem explicações próprias.

Observa-se uma complexidade dos processos que envolvem a temática estresse a partir da própria definição, desde os primeiros estudos até a atualidade. Kagan (2016) expressa uma preocupação que tem sido discutida há mais de meio século acerca do conceito e da temática estresse. O autor acredita que o conceito de estresse deve estar limitado aos eventos estressores seletos, nos quais representem ameaça ao bem-estar do organismo tendo comprometimento na saúde.

Cohen *et al.* (2016) em resposta ao trabalho de Kagan (2016) propuseram que o conceito de estresse seja entendido como um conjunto de etapas em um processo, pelo qual as demandas ambientais excedem a capacidade adaptativa de um organismo em nível psicológico, comportamental e biológico.

Em suma, acredita-se que o termo estresse e sua definição têm servido para investigar os processos de eventos ambientais à doença, que muitas vezes é utilizado de forma ampla e confusa. A nomenclatura estresse proporcionou uma base para o entendimento dos eventos, através dos quais as adversidades influenciam os processos patológicos. Com isso, se faz necessário um maior aprofundamento acerca da temática, trazendo à tona as contribuições da sistemática do estresse para o mundo científico, sendo importante estudar o estresse a partir da conceituação, das fases e influências na vida do ser humano (COHEN *et al.*, 2016).

Assim sendo, se faz necessário entender que os estudos envolvendo a temática estresse precisam apresentar as principais características da teoria, desde a conceituação e fases até a influência deste fenômeno na saúde humana. Ressalta-se a importância de entender que o estresse desenvolve-se por etapas, cada uma tendo suas características marcantes e o que as diferenciam é a forma de manejo particular. Cada etapa possui suas peculiaridades e tem sua sintomatologia diferenciada de acordo como cada indivíduo reage a diferentes situações (ROM; REZNICK, 2015).

3.2 Fases do estresse

O estresse foi definido por Hans Selye como sendo a reação inespecífica do organismo diante de qualquer demanda (seja ela positiva ou negativa) que altere o estado de equilíbrio do sujeito, a estas reações o pai do estresse denominou como sendo a Síndrome de Adaptação Geral, contendo três fases diferenciadas e identificadas como: fase de alarme ou alerta, resistência e exaustão (SOUZA *et al.*, 2015).

Em seus primeiros estudos feitos com ratos Selye observou que entre 06 e 48 horas após o estímulo estressor os ratos apresentaram perda da tonicidade muscular, diminuição da temperatura corporal, formação de erosão aguda no sistema digestivo, aumento de lacrimação e salivação, dentre outros sintomas que fazem parte da fase de alarme (SELYE, 1936).

A primeira fase descrita por Selye (1946) denominou-se alarme e ocorre a ruptura do equilíbrio interno do organismo, sendo a soma de todos os fenômenos sistêmicos não específicos provocados pela exposição repentina aos estímulos dos quais não possuem adaptação. A resposta rápida é mediada pela ativação do Sistema Nervoso Autônomo Simpático (SNAs) que requer a liberação de neurotransmissores em diversos órgãos-alvo.

Na fase de alarme ocorre o aumento da ansiedade devido a liberação maior de adrenalina que atua diretamente sobre as glândulas supra-renais, estimulando diretamente a hipófise. O aumento de adrenalina constitui reações de defesa e adaptação, e neste sentido, poderá ocorrer o aumento da pressão arterial, maior frequência e intensidade dos movimentos respiratórios, dilatação dos vasos sanguíneos, dentre outras reações (FLOSI, 1947; MUSCATELL, EISENBERGER, 2012).

A fase seguinte denominada de resistência ocorre quando o corpo adapta-se ao estressor ou fonte estressora, e, continua resistindo com um elevado nível de excitação fisiológica. O organismo tende a ajustar-se com a situação que se encontra, com o intuito de se recuperar do desequilíbrio sofrido na fase anterior. Toda essa mobilização de energia gasta traz consequências como cansaço excessivo, sensações de desgaste, lapsos de memória e etc. (SELYE, 1965; MALAGRIS, FIORITO, 2006;)

A última fase descrita por Selye (1946) ficou conhecida como exaustão que se caracteriza pela soma de todas as reações não específicas resultantes da perda de adaptação diante dos estímulos estressores. Ocorre a presença de alterações fisiológicas e comportamentais que poderão resultar em danos nos diversos sistemas como digestivo, imunológico, cardiovascular, respiratório, nervoso e etc. (ROM, REZNICK, 2015).

Kranner *et al.* (2010) apresentaram uma maneira didática e resumida em seu trabalho multidisciplinar do estresse abordando o conceito e o entendimento deste não somente com seres humanos, mas na biologia, ao estudarem as consequências do estresse nas sementes. Para o entendimento das três fases do estresse proposta por Selye (1936) os autores descreveram um esquema didático com o objetivo de informar as fases e as suas principais consequências do estresse nos seres humanos. (Figura 2).

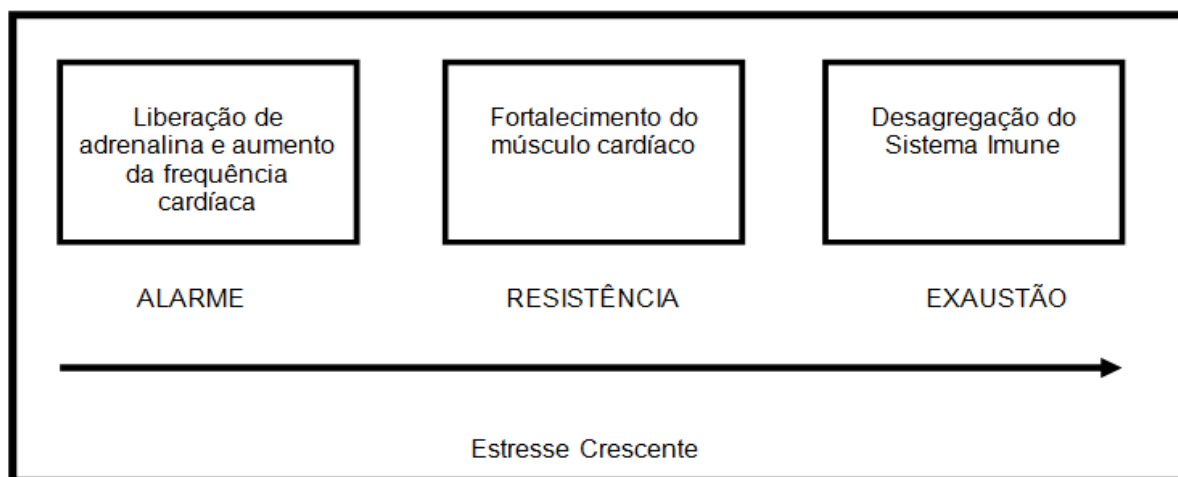


Figura 2: As fases do estresse e consequências principais. Adaptado, Kranner (2010).

Lipp (2000) identificou uma outra fase do estresse em seu Inventário de Sintomas do Stress para adultos e denominou de quase-exaustão. Esta nova fase encontra-se entre a fase de resistência e a de exaustão, no qual o organismo apresenta-se fraco não conseguindo adaptação diante do estressor. Nesta fase, observa-se que as resistências psicológicas e físicas ficam comprometidas, assim como também o sistema imunológico que propicia o aparecimento de doenças, porém não tão graves como na fase de exaustão. Herpes simples, hipertensão, diabetes, psoríase, dentre outras podem ser desencadeadas nesta fase (LIPP, 2003).

Fica evidente que o estresse independente da fase em que se encontra promove desgaste no organismo, pois, ocorrem diversas alterações que desencadeiam reações prejudiciais. Na literatura, diversos estudos no Brasil e no mundo tem buscado apresentar as consequências do estresse na saúde humana, observando os efeitos dessa relação no comportamento, no cérebro, cognição, no organismo em geral (CASTIEL, 2005; COHEN *et al.*, 2007; TOUSSAINT *et al.*, 2016).

Slavich (2016) apontou que a temática estresse desde os primeiros estudos datados no século XX até os dias atuais é importante para investigar os principais estressores, os impactos no organismo e a relação com a saúde. De acordo com o autor, a acumulação de dados sobre o estresse se faz necessário para a investigação de como o estresse pode ser prejudicial à saúde e quais estratégias precisam ser tomadas para mitigar os efeitos, visto que o estresse aumenta o risco dos indivíduos para uma variedade de doenças.

3.3 Impacto do estresse sobre a saúde

O estresse está interligado com a saúde geral do indivíduo, influenciando no funcionamento de diversos sistemas do organismo. Desta maneira, pesquisadores tem desempenhado um papel muito importante nos estudos sobre os impactos do estresse sobre a saúde (RABELO, 2010; SANTUS *et al.*, 2014; MYERS, 2017).

DeLongis *et al.* (1988) identificaram a interferência do estresse na saúde com as seguintes consequências: dores nas costas, dores de garganta, gripe, dores de cabeça, além de alterações no humor, na auto-estima, e problemas nas relações sociais.

Estudos apontaram a relação do estresse com o sistema muscular, uma vez que a tensão muscular é quase sempre uma reação do estresse. O estresse faz com que os músculos do corpo fiquem em estado de vigilância, apresentando geralmente dores em todo o corpo, possibilitando com isso o aparecimento de outras doenças (MORTON *et al.*, 2009; REIS, RABELO, 2010).

Com referência ao sistema respiratório e o estresse nota-se que este pode causar o aceleração da respiração, desencadeamento de ataques de asma, hiperventilação, ataques de pânico, e etc. O papel primordial do sistema respiratório é proporcionar concentrações adequadas de oxigênio aos tecidos, a fim de assegurar uma oxigenação normal aos demais órgãos. Com a incidência do estresse no organismo percebe-se que ocorre um desequilíbrio nas concentrações de oxigênio fazendo com que apareçam sintomas prejudiciais à saúde (SANTUS *et al.*, 2014).

Os vasos sanguíneos e o coração compreendem dois elementos do sistema cardiovascular que trabalham juntos para o fornecimento de nutrientes e oxigênio para os órgãos do corpo. É notório que a atividade desses elementos é coordenada nas respostas do corpo ao estresse com o aumento da frequência cardíaca, contrações fortes do músculo cardíaco, elevação da pressão arterial, infarto do miocárdio, e com isso, muitas consequências nocivas ao organismo são desencadeadas (MESQUITA, NÓBREGA, 2005; DIMSDALE, 2008; MYERS, 2017).

Gomes *et al.* (2016) identificaram através do estudo longitudinal as relações entre estresse e os riscos cardiovasculares em educadores (gestores e professores) no Sul do Brasil, com avaliação entre o antes e depois da intervenção de atividades de gerenciamento do estresse. Os pesquisadores concluíram que o estresse representa um fator de risco para doenças cardiovasculares, no entanto, as atividades de educação em saúde e

gerenciamento do estresse contribuíram para alteração do processo, uma vez que, o sistema cardiovascular participa ativamente das adaptações ao estresse influenciando a saúde.

Pode-se observar que o estresse afeta diversos sistemas do nosso organismo, e no sistema gastrointestinal o estresse afeta a digestão, propicia o desenvolvimento de dores no estômago, úlceras, azias, problemas intestinais, diarreia, constipação e etc. O estresse é um importante fator que influencia os sintomas de diversas doenças relacionadas as disfunções gastrointestinais tais como: doença inflamatória intestinal, síndrome do intestino irritável, refluxo gastroesofágico e etc (RIBEIRO *et al.*, 2011; EDMAN *et al.*, 2016).

No sistema endócrino os sinais de estresse agem de maneira ativa quando o hipotálamo sinaliza para sistema nervoso autônomo e a glândula pituitária iniciam o processo de produção de epinefrina e cortisol (conhecido como o hormônio do estresse). Quando o cortisol é liberado o fígado produz mais glicose, aumentando dessa maneira o teor de açúcar no sangue predispondo o organismo a diabetes (CHROSOS, 2009; VITALE *et al.*, 2013).

Visto que o estresse aumenta o risco de desenvolver problemas de saúde, incluindo doenças cardíacas, diabetes, úlceras, dentre outras, é importante identificar o impacto do estresse na saúde mental dos indivíduos. Estudos apontam a correlação entre o estresse e o desenvolvimento de transtornos de humor, como transtornos de ansiedade e depressão (MARGIS *et al.*, 2003; APÓSTOLO *et al.*, 2011; ZORN *et al.*, 2017).

Como o estresse interfere diretamente na saúde do ser humano fica evidente a importância de conhecer os principais sinais e sintomas do estresse no organismo. O Instituto Americano de Estresse (2017) informa que existem numerosos distúrbios físicos e emocionais (depressão, ansiedade, gastrites e etc) que tem associação direta com o estresse, listando cinquenta sinais e sintomas e os efeitos abrangentes destes sobre o comportamento, humor e emoções, dentre os quais pode-se citar: mudança de apetite, dores de cabeça, tensões musculares, irritabilidade, mudança no desejo sexual, dentre outros.

Sendo o estresse um grande problema para a saúde é visto que grande parte da população está exposta ao aparecimento de estresse. Existem relações importantes a fazer sobre o estresse principalmente com as respostas deste no comportamento, e, através do conhecimento psicobiológico que ligam o estresse a saúde se faz necessárias correlações

entre o estresse dados sócio demográficos, trabalho, gênero e etc. (LUNDBERG, 2008; TORRES *et al.*, 2013).

3.4 Estresse e as relações com trabalho e gênero

Como afirmaram Dorta *et al.* (2012) o trabalho em diversas maneiras propicia ambientes menos ou mais favoráveis à saúde. Atualmente, nota-se que o trabalho vem sendo muitas vezes banalizado e com isso leva os indivíduos ao adoecimento. Atividades que implicam altas demandas psicológicas favorecem o desgaste no trabalho, e como consequência disso o adoecimento psicológico e físico do trabalhador.

Alguns fatores são importantes para analisar o aparecimento do estresse no ambiente de trabalho, tais como: altíssimas metas de produção, baixo reconhecimento dos funcionários, longas jornadas de trabalho, relações de competitividade com os outros empregados, alta exigência na qualidade do serviço executado, pouca autonomia na organização, falta de segurança no ambiente laboral, ameaças de desemprego, entre outros. São nessas circunstâncias que o adoecimento mental aparece, vê-se então que diante de diversas situações no trabalho o estresse poderá está presente (ZANELLI, 2010).

A questão das diversas desigualdades é um dos grandes dilemas da díade saúde X ambiente e tem tido espaço na literatura científica, inclusive com ponto importante a ser identificado que é a desigualdade de gênero que interfere na qualidade de vida e bem estar das populações. E nesse sentido, interfere na qualidade das mulheres que estão ativas no mercado de trabalho que ficam mais suscetíveis ao estresse, discriminação e etc. (CAMPOS-SERNA *et al.*, 2013; STAMARSKI; HING, 2015; ZURBRÜGG; MINER, 2016).

De acordo com Fonseca (2008) o conceito de gênero surgiu em meados da década de 80 nos estudos feministas para abranger as relações determinantes entre mulheres e homens, referindo-se ao sexo social e historicamente construído. Atualmente, a ideia de gênero tem sido mais totalizante no sentido de procurar a compreensão das relações sociais historicamente construídas que se estabelecem entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens, buscando romper a dualidade homem/mulher.

Carvalho (2015) afirmou que esse termo gênero passou a ser utilizado de forma inconsistente, como meio de se opor ao uso historicamente feito do determinismo biológico para justificar a subordinação das mulheres, devido a sua suposta fragilidade física e capacidade reprodutiva, no contexto da divisão sexual/social do trabalho. Ou seja, o

conceito de gênero, nesse contexto, surgiu associado a desconstrução da concepção de que a mulher é naturalmente inferior ao homem.

Segundo Daniel (2011), desde a inserção da mulher no mercado de trabalho, estas têm ocupado setores e cargos considerados guetos femininos. Em qualquer ambiente de trabalho, em qualquer área as mulheres estão mais expostas a sanções informais, tais como brincadeiras, piadas, fofocas e cantadas, o que acaba se intensificando quando as profissões em que atuam são tradicionalmente masculinas.

Ainda hoje a situação não é favorável, pois, em uma pesquisa realizada por Madalozzo e Blofield (2017), com 700 participantes, entre mães e pais, residentes em bairros de baixa renda da cidade de São Paulo, entre agosto e outubro de 2012, observou-se que as mulheres enfrentam diversas situações específicas no âmbito de trabalho que não são experienciadas pelos homens, como, por exemplo, o cuidado com os filhos. Para os autores, as mulheres suportam peso desproporcional na responsabilidade pelo cuidado das crianças. As mulheres acabam em uma tripla jornada exaustiva, dividindo seu tempo entre responsabilidades empregatícias, tarefas do lar e cuidados com os filhos, enquanto que os homens, em sua maioria, acabam se dedicando apenas ao trabalho.

É notório que as relações de trabalho, são fortemente marcadas por desigualdades de gênero, e que nos espaços laborais se fortalecem no cotidiano as diferenças entre homens e mulheres. Conforme Landerdahl *et al.* (2013) os desníveis de poder entre as mulheres e homens podem ser desencadeados por meio de aplicações de tarefas diferentes, desqualificação pessoal e financeira das tarefas realizadas pelas mulheres.

Esses aspectos podem ocasionar o surgimento do estresse nas mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho. De acordo com Areias e Guimarães (2004) o primeiro estudo específico referente à influência de gênero em etapas da reação do estresse foi o *Gender and Stress* de Barnett, Biener e Baruch em 1987. Depois desse trabalho, alguns outros estudos foram elaborados na temática estresse e questões de gênero. Para a compreensão da dimensão de gênero e estresse, precisam ser levadas em consideração algumas variáveis, tais como: prestígio profissional, remuneração, o trabalho em tempo integral ou parcial, estado civil, carga global de trabalho e as responsabilidades que as mulheres precisam ter.

De acordo com Mayor (2015) as mulheres possuem uma vantagem na expectativa de vida em relação aos homens, mas desvantagem acentuada no tocante à morbidade.

Neste sentido o autor aborda que as diferenças individuais na saúde física e mental são explicadas pelo grau de estresse que os indivíduos sofrem, sendo as mulheres mais afetadas pelos estressores do que os homens.

A American Psychological Association (APA) desde 2007 realiza pesquisa anual intitulada “The Stress in American” que mede atitudes e percepções do estresse entre a população em geral e identifica as principais fontes estressoras, impactos do estresse na vida do indivíduo. Os resultados da última pesquisa divulgada em fevereiro de 2017 apontaram maiores níveis de estresse no sexo feminino e as principais fontes estressoras ganharam destaques: preocupação financeira e responsabilidades familiares (APA, 2017).

Visto que a inclusão cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho traz consigo alguns desafios (preconceitos, desigualdades, assédio e etc.). E pontos relevantes devem ser abordados, nos quais as mulheres que estão inseridas no ambiente de trabalho tendem apresentar o estresse devido as maiores vulnerabilidades a este, principalmente em trabalhos com maior predominância masculina (MARTIN; BARNARD, 2013).

3.5 A mulher no ramo da construção civil

A construção civil constitui-se um setor produtivo importante no cenário econômico brasileiro, e considera-se com isto, que este ramo é um dos maiores geradores de empregos diretos e indiretos. Sendo assim, inserção das mulheres nestes locais de trabalho, apresentou alterações na evolução da participação feminina, observando que as mulheres conseguiram pouco a pouco aumentar o número de ocupações neste ramo (AMARO *et al*, 2016).

As obras de construção civil, por exemplo, são ambientes de trabalho com predominância de mão de obra masculina. A participação das mulheres nestes locais traz desafios a serem superados. Pesquisas têm apontado fatores que influenciam o desenvolvimento profissional das mulheres que trabalham na construção civil, dificuldades relacionadas à saúde, equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, discriminação salarial, segurança no trabalho, assédio (DEVI; KIRAN, 2013).

Em uma revisão sistemática realizada por Navarro-Astor *et al.*(2017) sobre as principais barreiras encontradas pelas mulheres que trabalham na construção civil com artigos publicados entre 2000 e 2015 observou-se que houve um crescimento pelo interesse

em discutir questões sobre discriminação e gênero. A dificuldade para equilibrar vida familiar e a maternidade com a profissão foi uma das barreiras mais comumente identificada, obrigando muitas mulheres a interromperem suas carreiras na construção civil.

De acordo com French e Strachan (2015) na indústria da construção civil existe um viés de gênero no tocante as contratações dos funcionários. Através da pesquisa das políticas de igualdade de emprego percebeu-se que muitas empresas estão limitadas as abordagens de tratamento igualitário para seguir os requisitos obrigatórios da legislação.

As desigualdades de gênero acontecem com maior ênfase nas indústrias de construção civil como apontam as autoras Olofsdotter e Rasmusson (2016) ao investigarem as iniquidades deste setor. Foi observado que as diferenças de poder e metas estavam presentes, uma vez que ocorriam as desigualdades entre trabalhadores com a mesma ocupação.

No Brasil a presença feminina na construção civil, de acordo com os dados do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE (2011) mostra que, o número de trabalhadoras nesta área cresceu 65% em uma década e que no primeiro bimestre do ano de 2010, 5.258 mulheres conseguiram emprego na área da construção civil.

Mesmo as mulheres representando uma parcela pequena do contingente que colabora com sua força de trabalho na construção civil é notório o aumento da sua participação ano após ano, desde 2006, em relação aos trabalhadores do setor. Os dados em Sergipe apresentam um crescimento gradativo de trabalhadores na construção civil, em 2006 o contingente era de 18.804 trabalhadores e em 2015 quando foi feita a última pesquisa o número já estava em 27.567 pessoas. Os últimos dados disponíveis indicaram que as mulheres representam 9,74% do total de trabalhadores formais da construção em todo o Brasil, e em Sergipe no ano de 2015 foram constatadas 2.795 mulheres trabalhando no setor da construção civil (RAIS/MTE, 2015).

Segundo Resende (2012), que pesquisou mulheres de duas empresas de construção civil em Belo Horizonte, o motivo que leva a mulher a buscar o trabalho na área da Construção Civil é a facilidade de recolocação profissional. Além disso, há grande interesse salarial, pela possibilidade de crescimento profissional, pelo trabalho em si e em aprender na profissão. As entrevistadas relatam a vontade de continuar atuando nesse campo, e de realizar cursos de aprimoramento.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 Delineamento

A presente pesquisa foi do tipo métodos mistos, na qual se utilizou instrumentos que trouxeram dados referentes ao estresse e saúde geral, ou seja, esteve presente no campo de práticas com objetivos de trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis, procurando fazer o uso de uma linguagem estatística e descritiva. Para mensuração dos níveis de estresse com a correlação da saúde geral, utilizou-se método quantitativo, para análise das questões de gênero no ambiente de trabalho foi utilizado o método qualitativo.

No tocante ao nível da pesquisa, esta foi descritiva, transversal, de campo que visou determinar informações sobre relação do índice de estresse com o perfil de saúde geral da população a ser investigada.

Para a pesquisa em questão, foi identificada a relação entre os índices de estresse e de saúde geral entre mulheres trabalhadoras em obras de construção civil no município de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil.

4.2 População e Amostra

4.2.1 População

A população desta pesquisa foram mulheres trabalhadoras na indústria da construção civil. As empresas foram pré-selecionadas de acordo com o cadastro destas no Sindicato da Indústria da Construção Civil de Sergipe (SINDUSCON). No total, 49 empresas da cidade de Aracaju-SE estão associadas a este sindicato. Segundo dados do Sinduscon (2017) estima-se uma média de duas mulheres trabalhadoras para cada empresa, desta forma aproximadamente 98 mulheres estão trabalhando na indústria da construção civil na cidade de Aracaju.

4.2.2 Amostra

Através dos dados estimados da população alvo, foi calculada a amostra seguindo os seguintes critérios: frequência estimada de 50%, erro absoluto de 5% e o nível de confiança de 95%, utilizando o programa Epi Info versão 7.2. Neste sentido, obteve-se uma amostra de 78 mulheres, sendo que para o estudo participaram apenas 57 mulheres.

A participação das mulheres ocorreu de acordo com a disponibilidade e autorização dos responsáveis pelas obras, assim como a autorização dos chefes imediatos e das mulheres disponíveis no momento da coleta.

Com o objetivo de identificar as principais dificuldades das mulheres trabalhadoras em obras de construção civil foi realizada entrevista no local de trabalho das 57 participantes. Os locais das entrevistas (refeitório, escritório, apartamento, área comum e guarita) variaram de acordo com a disponibilidade no momento da coleta.

4.2.2.1 Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram consideradas as empresas do ramo de construção civil do município de Aracaju/SE, bem como as profissionais destas empresas que possuíam registros na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Foram incluídos sujeitos maiores de 18 anos, do sexo feminino. Os critérios de exclusão foram para aquelas profissionais que possuíam algum tipo de comprometimento cognitivo que impossibilitasse a participação.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

4.3.1 Questionário sócio demográfico

A coleta de dados teve início com a aplicação de um questionário sócio-demográfico às participantes da pesquisa (APÊNDICE A). Nesse instrumento de coleta de dados foi abordado o perfil da amostra, contendo variáveis como: estado civil, cor da pele (raça), escolaridade, religião, profissão, autopercepção de saúde, moradia, carga horária de trabalho, meio de transporte e atividade física, que são variáveis que podem interferir nos níveis de estresse.

4.3.2 Escala de Estresse Percebido (PSS)

A Escala de Estresse Percebido (*Perceived Stress Scale*, PSS): A escala foi validada para língua portuguesa constando de 14 questões que versam sobre os sentimentos e pensamentos durante o último mês, tendo opções de resposta que variarão de 0 a 4, onde o 0=nunca e o 4=sempre; as questões com conotação positiva terão sua pontuação somada e invertida (0 = 4, 1 = 3, e assim por diante), as questões negativas são somadas diretamente. A soma da pontuação das 14 questões resulta no valor total da escala que pode variar de 0 a 56. Objetivo da escala é medir o estresse percebido em diversas situações tidas como estressantes, a validação da escala foi procedida por Luft *et al.* (2007) (ANEXO I).

4.3.3 Questionário de Saúde Geral (QSG-12)

O questionário de Saúde Geral (QSG-12) corresponde a uma versão resumida adaptada por Pasquali (1994) *apud* Gouveia *et al.* (2003), contendo 12 itens. Essas questões contidas no QSG-12 visam saber como o indivíduo está se sentindo medindo o seu bem estar psicológico com o intuito de identificar doenças psiquiátricas não severas. O QSG-12 é uma ferramenta válida para avaliações rápidas de desconfortos psicológicos e bem estar subjetivo (GOUVEIA *et al.*, 2012). As respostas são dadas em uma escala de 4 pontos, na qual varia de 1 (absolutamente não) a 4 (muito mais do que de costume) (ANEXO II).

4.3.4 Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)

O Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL) é um instrumento aprovado pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) que permite identificar se a pessoa tem estresse, em que fase está (alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão) e a prevalência dos sintomas (físicos e/ou psicológicos). O instrumento é composto por 53 sintomas (34 físicos e 19 psicológicos) divididos em três partes que identificam as fases do estresse (LIPP, 2014).

No primeiro quadro aborda-se os sintomas vivenciados nas últimas 24 horas, sendo três psicológicos e doze físicos, que correspondem à fase alerta do estresse. O segundo quadro apresenta os sintomas experimentados na última semana, neste quadro há uma

divisão nas fases do estresse (porcentagens até 50 indicam que o indivíduo está na fase de resistência, caso as porcentagens ultrapassem 50 ocorre a indicação para a fase de quase-exaustão). Por último, no terceiro quadro os sintomas experimentados durante o último mês, diz respeito à fase de exaustão (ANEXO III).

4.3.5 Roteiro de Entrevista:

O roteiro de entrevista semi-estruturado para as participantes abordou questões referentes as dificuldades encontradas no ambiente de trabalho, relações entre mulheres na construção civil, trabalho e estresse, desafios da mulher trabalhadora, dentre outras. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas de modo individual. (APÊNDICE B).

4.4 Aspectos Éticos

O projeto foi aprovado com o parecer nº 1.989.200 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade (ANEXO IV). O anonimato das empresas bem como das participantes foi garantido, assim como, tiveram a liberdade de retirar seu consentimento de participação a qualquer momento.

A pesquisa teve início mediante permissão das empresas no qual foram realizadas as coletas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. O estudo visou seguir as diretrizes propostas pela Resolução nº 466/12 de doze de dezembro de dois mil e doze (12/12/2012) do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas para a pesquisa com seres humanos no Brasil.

4.4.1 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Foi garantido o direito de sigilo e anonimato das informações adquiridas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), que foi assinado pelos sujeitos participantes da investigação, garantindo-lhes o direito de anonimato, bem como ausentar-se da investigação em qualquer etapa do processo. Houve uma breve explicação sobre os objetivos da pesquisa as entrevistadas e foi explicado que a pesquisa não lhes causaria problemas.

4.5 Sistemática de Coleta de Dados

Inicialmente realizou-se contato prévio com os responsáveis pelas Empresas de Construção Civil da cidade de Aracaju-SE, em seguida foram organizados os dias e horários possíveis para realização da coleta nas obras dos municípios de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. Posteriormente procedeu-se a aplicação dos instrumentos através das seguintes etapas: Etapa I – Reconhecimento da Obra de Construção Civil. Etapa II – Explicação dos objetivos da pesquisa às participantes, entrega do Termo de Consentimento e aplicação do questionário sócio demográfico. Etapa III - Coleta individual com os instrumentos: Escala de Estresse Percebido (PSS), Questionário de Saúde Geral (QSG-12) e Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL). Etapa IV- Entrevista com as participantes, tendo como duração média de 30 minutos para cada entrevistada.

Para otimizar a coleta de dados, procurou-se agrupar o maior número possível de mulheres por obras quando possível, para apresentar-lhes os objetivos da pesquisa de modo coletivo. Assim, conforme a disponibilidade do local e das mulheres participantes, foi possível descrever os aspectos gerais da pesquisa e aplicar os questionários sócio demográficos para mais de uma mulher por obra, dando continuidade aos demais instrumentos de maneira individual.

4.6 Análise dos dados

4.6.1 Quantitativos

Para a análise quantitativa os dados foram descritos por meio de frequência simples e percentuais quando categóricas ou média e desvio padrão quando contínua, ordinal ou discreta. As associações entre variáveis categóricas foram avaliadas pelo teste Exato de Fisher e as diferenças de média foram avaliadas por meio de Análise de Variância (ANOVA). As correlações entre variáveis contínuas, discretas ou ordinais foram avaliadas através da correlação de Spearman. O nível de significância adotado foi de 5% e o software utilizado foi o R Core Team 207.

No QSG-12 foram extraídas as médias referentes aos fatores depressão (1, 4, 7, 8 e 12), ansiedade (2, 5 e 9) e auto-eficácia (3, 6, 10 e 11). Para a obtenção da média foram invertidos os valores dos itens com conotação negativa (ex. o que for 4, virará 1).

O resultado da PSS foi extraído a partir da média da pontuação obtida pelos indivíduos, utilizando-se como ponto de corte do valor de 22 pontos para detecção do estresse. Os itens com conotação positiva (4, 5, 6, 7, 9, 10 e 13), tem sua pontuação somada invertida representados desta maneira: 0=4; 1=3; 2=2, 3=1, 4=0. Para os demais itens que são com conotações negativas a soma foi realizada de forma direta (LUFT *et al.*, 2007).

A avaliação do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de LIPP (ISSL) foi realizada por meio de tabelas padronizadas específicas do instrumento que transformam os dados brutos em porcentagens, apresentando a incidência de estresse, a fase em que se encontra e a predominância de sintomas (físicos e psicológicos).

4.6.2 Qualitativos

Para análise qualitativa da relação do estresse com as questões subjetivas de gênero e dificuldades no ambiente de trabalho, foram analisadas as respostas do roteiro de entrevista semi-estruturado através da análise de conteúdo de Bardin (2011). O processo de transcrição do áudio das 57 entrevistas foi integral e inteiramente realizado pela pesquisadora, permitindo desta forma, uma maior precisão do que concerne à recordação da informação coletada.

Vale ressaltar que todos os áudios foram transcritos de maneira literal garantindo maiores precisões das informações adquiridas. Na transcrição foi preservada a expressão oral de cada participante, as pausas, assim como a linguagem não verbal, sendo tomadas algumas notas que foram incluídas nas análises. A extensão das transcrições das entrevistas gravadas, converteu-se em 83 páginas de material para análise e reflexão.

O conteúdo coletado passou por três etapas: Etapa I – foi à fase inicial, na qual foi feita a pré-análise: o material foi organizado, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas de modo literal, formulando-se hipóteses e indicadores que nortearam a interpretação, sendo adotado alguns critérios (exaustividade do conteúdo, representatividade, pertinência, homogeneidade e exclusividade). Na etapa II – Foi feita a exploração do material, estudando o conteúdo, significado, adotando os critérios de categorização, subcategorias e temas, analisando as formas de pensamento com a realidade, permitindo a junção do número significativo de informações organizadas.

Por fim, na etapa III - o tratamento dos resultados foi feito com a compreensão detalhada do conteúdo, analisando as relações existentes entre o conteúdo do discurso com o referencial teórico, embasando às análises dando sentido à interpretação, sendo organizado em uma tabela, no qual contém dois tipos de categorias: analítica e a operacional.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi realizada durante os meses de Abril e Setembro de 2017. Participaram do estudo 57 mulheres trabalhadoras de oito empresas da construção civil. Nesta pesquisa, foram estudadas mulheres de treze obras de construção civil nas cidades de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil. A maioria (96,5%) considerou-se saudável, habitava em imóvel próprio (71,9%) e não trabalhava em outro local fora da obra (87,7%). As mulheres utilizavam o transporte público (63,2%) e carro próprio/familiar (26,3%) como principal meio de locomoção para ida ao trabalho e 28,1% necessitavam de mais de 60 minutos para finalizar o trajeto.

Tabela 1. Características sócio-demográficas das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju -2017

	N	%
Residência		
Capital	37	64,9
Interior	20	35,1
Escolaridade		
Apenas escreve o nome	2	3,5
Fundamental	9	15,8
Médio	21	36,8
Técnico	10	17,5
Superior	15	26,3
Relacionamento Amoroso		
Sim	36	63,2
Não	21	36,8
Autopercepção de Saúde		
Doente	2	3,5
Saudável	55	96,5
Filhos		
Não tem	23	40,4
1 filho	11	19,3
2 filhos	1	1,8
3 ou mais filhos	22	38,6
Religião		
Sim	47	82,5
Não	10	17,5
Imóvel		
Imóvel próprio	41	71,9
Imóvel alugado	13	22,8
Imóvel cedido	3	5,3
Meio de Transporte		
Motocicleta	4	7,0
Carona	1	1,8
Transporte público	36	63,2
Carro próprio/familiar	15	26,3
Outro	1	1,8
Tempo médio gasto da residência até o trabalho		
Até 10 min	4	7,0
Até 20 min	7	12,3
Até 30 min	13	22,8

Até 40 min	7	12,3
Até 50 min	4	7,0
Até 60 min	6	10,5
Mais de 60 min	16	28,1
Outro trabalho além da obra		
Sim	7	12,3
Não	50	87,7
Evento excepcional nos últimos 12 meses		
Sim	40	70,2
Não	17	29,8
Atividade física		
Não	46	80,7
1x semana	2	3,5
2x semana	3	5,3
3x semana	6	10,5
Você fuma		
Sim	8	14,0
Não	49	86,0
Você faz uso de bebidas alcoólicas		
Sim	26	45,6
Não	31	54,4

Das 57 participantes da pesquisa 52,6% exerciam o cargo de auxiliar de serviços gerais (estas realizavam várias atividades, tais como: limpeza em geral, executavam tarefas manuais de rejunte, auxiliavam nos serviços da cozinha, carregavam e descarregavam materiais, contribuía nas atividades de pedreiro e encanador, verificavam máquinas e equipamentos), 12,2% eram técnicas em edificações e 8,7% engenheiras civis. Os demais cargos ocupados pelas mulheres nas obras estarão descritos na tabela a seguir:

Tabela 2. Frequência de cargos das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE -2017

Cargos	N	%
Auxiliar de Serviços Gerais	30	52,6
Técnica em Edificações	7	12,2
Engenheira Civil	5	8,7
Estagiária de Engenharia Civil	3	5,2
Auxiliar de Escritório	3	5,2
Técnica em Segurança do Trabalho	2	3,5
Arquiteta	2	3,5
Assistente de Segurança do Trabalho	1	1,7
Fiscal de Obras	1	1,7
Assistente de Engenharia	1	1,7
Recursos Humanos	1	1,7

Na distribuição da faixa etária, a idade média das participantes foi 32 anos (DP= 8,52) e a carga horária de trabalho foi de 42,1 horas semanais (DP= 5,91). A pontuação média de estresse das mulheres foi 23,8 (DP=8,36), no que se refere à saúde geral a pontuação média foi 65,1 (DP=18,0). (Tabela 3).

Tabela 3. Médias e Desvios-Padrão da Idade, carga horária, estresse percebido, saúde geral e seus fatores: auto-eficácia e ansiedade e depressão

	Média	DP
Idade	32,07	8,52
Carga horária semanal	42,18	5,91
Escala de Estresse Percebido	23,84	8,36
Questionário de Saúde Geral		
Depressão	61,05	22,28
Ansiedade	57,31	28,85
Auto-eficácia	75,73	21,78
Saúde Geral	65,01	18,00

DP – Desvio Padrão

Com referência as correlações encontradas com a escala de estresse percebido identificou-se que houve associação significativa entre a saúde geral. Verificando desta forma, que o estresse correlacionou-se negativamente com a saúde geral, mostrando a existência de uma relação inversamente proporcional. Pontuando sobre a saúde geral há uma indicação de que quanto maior o nível de estresse, menor pontuação em saúde geral e seus fatores (Tabela 4).

Tabela 4. Correlação entre escala de estresse percebido e o questionário de saúde geral das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE- 2017

	ESP Rho (p-valor)
Questionário de Saúde Geral	
Depressão	-0,50 (<0,001)
Ansiedade	-0,52 (<0,001)
Auto-eficácia	-0,62 (<0,001)
Saúde Geral	-0,74 (<0,001)

ESP – Escala de Stress Percebido; Rho – Correlação de Spearman;

Toussaint *et al.* (2016) identificaram uma forte associação entre o estresse e saúde ao estudarem 148 jovens expostos ao estresse, apresentando consequências na saúde física e mental. Indicaram que tanto o estresse como os fatores estressores tinham relações inversas com sintomas de saúde, assim como também apresentaram a tolerância como sendo o enfrentamento ideal para trazer benefícios para a saúde.

Conforme cita Mariotti (2015) as reações no corpo diante do estresse causam alterações físicas (objetivas) e psicológicas (subjetivas) permitindo o aparecimento de diversas doenças. A autora enfatiza que a maneira como a pessoa reage diante da situação

estressora pode definir a capacidade adaptativa, sendo importante analisar os mecanismos moleculares de ação dos principais hormônios do estresse, uma vez que agem em todo o corpo afetando os diversos sistemas do nosso organismo.

Foram identificadas as diferenças de médias com as variáveis sócio-demográficas e estresse percebido como mostra a tabela 5:

Tabela 5. Diferenças de Médias com as variáveis sociodemográficas e auto percepção de saúde com estresse percebido por mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE-2017

	ESP		
	Média	DP	p-valor
Residência			
Capital	23,97	8,17	0,874
Interior	23,60	8,92	
Escolaridade			
Apenas escreve o nome	36,00	5,65	0,074
Fundamental	28,11	10,75	
Médio	21,52	5,93	
Técnico	23,60	11,22	
Superior	23,07	6,18	
Mantém algum relacionamento amoroso na atualidade (namoro, noivado, casamento, etc)			
Sim	24,00	7,22	0,854
Não	23,57	10,20	
Auto percepção de Saúde			
Doente	36,00	8,48	0,035
Saudável	23,40	8,09	
Tem filhos			
Não tem	21,39	6,75	0,266
1 filho	24,09	9,20	
2 filhos	30,00	0,00	
3 ou mais filhos	26,00	9,22	
Professa religião			
Sim	23,81	8,28	0,948
Não	24,00	9,17	
Imóvel			
Imóvel próprio	23,71	8,26	0,580
Imóvel alugado	25,23	8,39	
Imóvel cedido	19,67	11,50	
Qual o meio de Transporte mais utilizado para você ir até o trabalho			
Motocicleta	21,50	6,56	0,668
Carona	20,00	0,00	
Transporte público	24,53	9,05	
Carro próprio/familiar	23,80	7,30	
Outro	13,00	0,00	
Aproximadamente quanto tempo normalmente você leva para ir da sua casa até o trabalho			
Até 10 min	19,75	4,79	0,499
Até 20 min	25,14	7,20	
Até 30 min	24,69	8,50	
Até 40 min	20,00	6,45	
Até 50 min	22,00	7,53	
Até 60 min	21,17	9,85	

ANOVA; DP – Desvio Padrão; ESP – Escala de Stress Percebido;

A variável tempo de deslocamento não obteve valor significativo ($p=0,49$), resultado diferente do que é afirmado por Marinaccio *et al.* (2013) ao estudarem as variáveis sociodemográficas para avaliação do risco de estresse relacionado ao trabalho. Os autores identificaram que o tempo de deslocamento para o trabalho tem associação com o estresse, sendo um fator de risco para a saúde.

A autopercepção de saúde foi a variável que obteve resultado significativo ($p= 0,035$) demonstrando que a média das mulheres que consideravam-se doentes é maior com relação ao estresse percebido do que às que percebiam-se saudáveis. Sobre isso, Reichert *et al.* (2012) puderam observar que as dimensões biológicas, psicológicas e sociais estão integradas para a autopercepção de saúde e que são subjetivas, reforçando a importância de observar os determinantes sociais e econômicos como aspectos importantes na influência da determinação da saúde e assim as possíveis propensões ao surgimento de doenças.

A partir do Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL), foi identificado que o estresse revelou-se positivo em 37 (64,91%) mulheres trabalhadoras na indústria da construção civil.

Kamardeen e Sunindijo (2017) estudaram o estresse no ramo da construção civil e consideraram que as características do trabalho estão relacionadas com as doenças psicológicas. As pesquisadoras apontaram também que a indústria da construção civil por ter uma cultura com predominância masculina deveria criar programas de suporte necessários para os profissionais em risco, garantindo a diversidade de gênero.

Houve predominância de sintomas de estresse na fase de resistência (89,18%), 8,10% das mulheres encontravam-se na fase de quase-exaustão, enquanto apenas 2,70% apresentaram seus sintomas na fase de alerta.

Com referência ao tipo de sintomas, observou-se uma predominância de estresse com sintomas psicológicos (51,35%), quando comparado aos 37,83% de sintomas físicos e 10,81% das mulheres apresentando sintomas mistos (físicos e psicológicos). Tendo sido a fase de resistência a de maior prevalência, foram avaliados quais os sintomas significativos desta fase que foram citados com maior frequência pelas mulheres. Os sintomas mais gerais foram: mudança de apetite (78,78%), pensar constantemente em um só assunto

(75,76%), sensação de desgaste físico constante (69,68%), seguido de cansaço constante (69,69%), irritabilidade excessiva (63,63%) e sensibilidade emotiva excessiva (60,60%).

Ao comparar as médias das mulheres nas fases do estresse com o questionário de saúde geral observou-se que houve significância nos resultados das mulheres que não estavam na fase de resistência, sendo que as mulheres que possuíam a crença de auto eficácia ($p=0,005$), pontuaram maiores médias juntamente com a saúde geral ($p=0,009$).

Tabela 6. Médias das fases do estresse e do questionário de saúde geral de mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE 2017

	GHQ			
	Depressão	Ansiedade	Auto Eficácia	Saúde Geral
Alerta				
Sim	33,33 (0)	55,56 (0)	75 (0)	52,78 (0)
Não	61,55 (22,17)	57,34 (29,11)	75,74 (21,98)	65,23 (18,09)
p-valor	0,212	0,952	0,973	0,498
Resistência				
Sim	57,37 (23,57)	51,51 (30,27)	68,93 (23,41)	59,76 (18,33)
Não	66,11 (19,74)	65,28 (25,23)	85,07 (15,34)	72,22 (15,08)
p-valor	0,145	0,075	0,005	0,009
Quase-Exaustão				
Sim	66,67 (24,04)	48,15 (16,97)	58,33 (14,43)	59,26 (11,56)
Não	60,74 (22,38)	57,82 (29,39)	76,70 (21,80)	65,33 (18,31)
p-valor	0,658	0,577	0,157	0,574

ANOVA; DP – Desvio Padrão;

Observa-se que na pesquisa de Rosa *et al.* (2017) ao investigarem o desenvolvimento da carreira de mulheres trabalhadoras da construção civil, relataram que a confiança e autoeficácia são traços da personalidade que conduzem o sucesso das mulheres através de suas carreiras no trabalho. A pesquisa identificou também, que as mulheres que trabalham na construção civil enfrentam diversos desafios, sendo o estresse um deles.

Para melhor compreensão da análise qualitativa dos dados, foi realizada a categorização das 57 entrevistadas, sendo que os nomes reais foram substituídos por siglas e números sendo garantido o total sigilo. A categorização das mulheres está representada por meio de tabela explicativa no qual está descrito o cargo, formação escolar e presença de estresse (APÊNDICE D).

Após a análise de conteúdo das entrevistas, foram construídas categorias analíticas que abordaram questões referentes ao trabalho da mulher num ambiente predominantemente masculino, apresentando as dificuldades e os principais estressores no trabalho. Houve a necessidade de criação da categoria operacional para apresentar o manejo das mulheres diante das dificuldades. Toda a categorização analítica e operacional foi apresentada por meio de tabela explicativa (APÊNDICE E).

A categoria central que possibilitou a transformação dos dados brutos em unidades de sentido, diz respeito as principais dificuldades encontradas no ambiente de trabalho. Com referência as estas dificuldades, foram criadas subcategorias essenciais de organização das informações com as principais ideias-chave que nos foram transmitidas pelo material coletado.

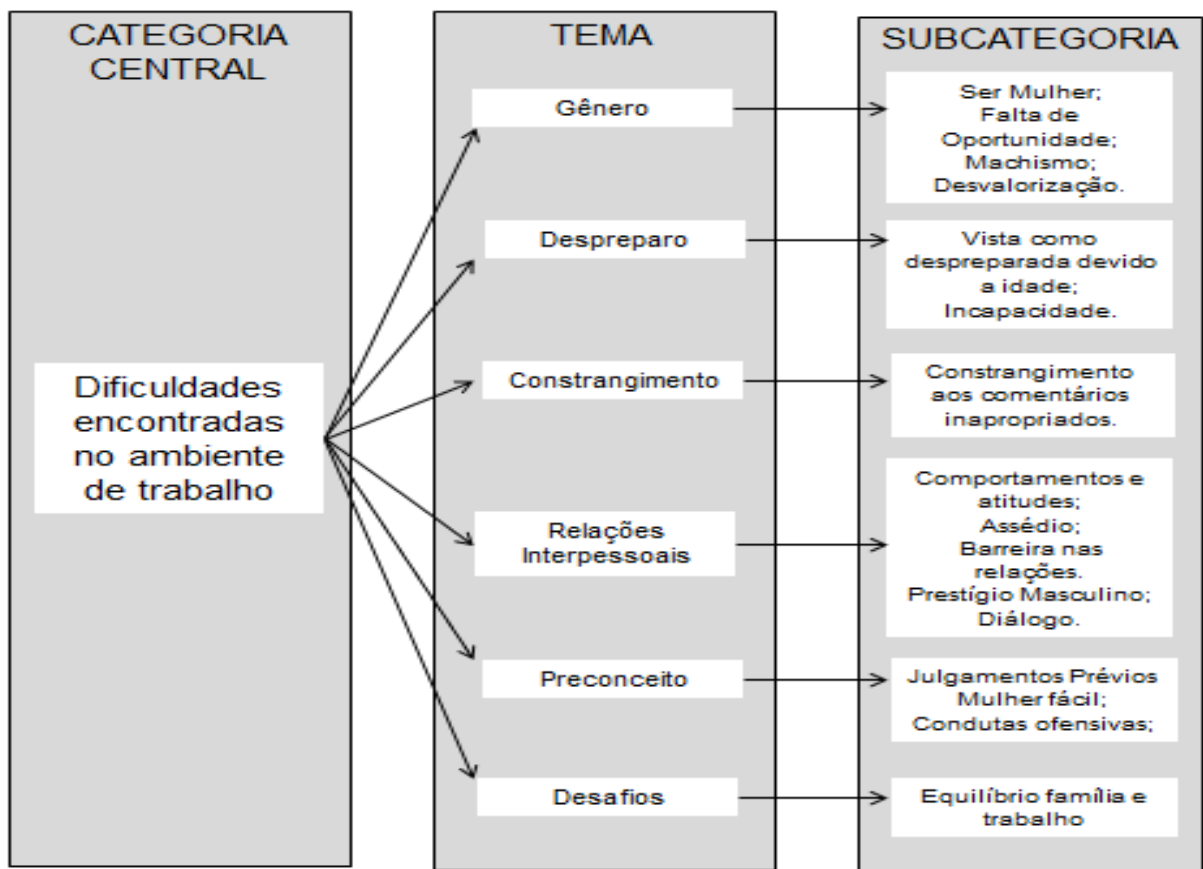


Figura 3.: Esquema organizador dos temas e subcategorias acerca das dificuldades no ambiente de trabalho. Fonte: Stefanie Silva Vieira, 2018.

As informações coletadas através das entrevistas no tocante as principais dificuldades encontradas pelas mulheres do ramo da construção civil, possibilitaram a quantificação destes achados que serão apresentados na tabela a seguir:

Tabela 7. Dificuldades encontradas pelas mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE- 2017

Dificuldades	Entrevistadas	Total	%	Nº
Itens discriminados				
Gênero – Ser mulher	E1, E3, E5, E6, E7, E8, E9, E16, E17, E27, E29, E32, E33, E37, E38, E40, E42, E50, E54, E55	20	35	57
Constrangimentos Vivenciados	E1, E3, E9, E14, E18, E26, E32, E34, E50	9	15	57
Assédio	E1, E3, E4, E8, E15, E19, E20, E22, E24, E30, E31, E37, E42, E43, E45, E47, E49, E51, E54	19	33	57
Preconceito	E1, E3, E4, E6, E8, E9, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E24, E26, E27, E28, E29, E30, E32, E34, E36, E37, E39, E42, E43, E46, E47, E48, E50, E51, E53	33	57	57
Equilíbrio entre família e trabalho	E1, E3, E5, E6, E8, E9, E11, E12, E13, E15, E16, E17, E20, E22, E24, E25, E26, E27, E29, E32, E34, E36, E37, E38, E40, E51, E54, E55	28	49	57

Nota: A soma das frequências é superior a 100% por ter sido possível às entrevistadas darem mais de uma resposta no tocante as dificuldades.

As entrevistadas destacaram as dificuldades através de suas falas, e desta forma, serão apresentadas algumas transcritas de modo literal. Com referência à temática gênero os dados analisados identificaram diversas dificuldades. A primeira subcategoria refere-se o fato de ser mulher:

No início de tudo a dificuldade era o ser mulher por que infelizmente ainda rola um preconceito [...] (E1).

[...] quando você trabalha em obra literalmente, campo, é muito complicado, por que assim, é mulher, 90% são homens e aí sempre tem aquela coisa de não respeitar por que é mulher, ou então tirar uma gracinha por que é mulher [...] (E3).

[...] numa profissão que é predominantemente masculina, pelo menos há 14 anos atrás eram muitos mais homens . Começaram a entrada da mulher atualmente, quando eu comecei era mais homens. Então você passa por dificuldades p/ as pessoas entenderem que você é uma boa profissional, apesar de ser mulher [...] (E3).

[...] minha filha só o fato de você ser mulher já é a dificuldade, a mulher sofre em tudo e a maneira para explicar o preconceito da área. Numa vaga é mais fácil de conseguir uma vaga homem, por ser homem fica e nós só quando vê uma mulher já não querem nem muitas vezes nos ouvir e ver se temos ou não experiência e isso é muito ruim (Muito emocionada, com choro em seguida) (E40).

[...] eu acho diferenciado o tratamento entre homens e mulheres, as solicitações para mulheres, eu acho que existem mais solicitações para mulheres do que para os homens pessoas do mesmo cargo

acredito que nós mulheres executamos serviços a mais por ser mulher [...] (E6).

[...] por que quando você entra na empresa, você é uma mulher, antes de ser profissional. Quando um homem entra na empresa ele é um profissional, ele é aquele profissional contratado para aquele cargo, quando a mulher entra na empresa, ela é uma mulher, ela não é a profissional, ela é uma mulher contratada para aquele cargo [...] (E8).

[...] por agente ser mulher colocam mais serviços, eu acho. (E9).

[...] a maior dificuldade é o preconceito por ser mulher como tem bastante homem eles acreditam que não somos capazes de executar bem o serviço, só o fato de ser mulher já implicam com agente, foi mulher, não presta sempre eles pensam assim, e muitas vezes não só pensam eles demonstram que a mulher não tem valor e eu já escutei o maior erro sabe o qual é? É você ser mulher! (E29).

Chies (2010) discutiu em sua pesquisa as identidades de gênero e profissionais no campo de trabalho, podendo observar que apesar das inúmeras transformações sociais ocorridas ao longo do tempo ainda há grande discriminação destinada a mulher, no qual o grande enfoque está nas relações de gênero.

Após fazerem a análise das experiências de mulheres que trabalhavam em ocupações com predominância masculina, Martin e Barnard (2013) identificaram que as maiores dificuldades das mulheres eram as práticas organizacionais encobertas por discriminação de gênero. Neste sentido, os autores observaram que as construções sociais predominantes sobre os papéis de gênero afetavam a cultura organizacional e sustentavam estratégias de gestão tendenciosas em detrimento das mulheres que trabalhavam em ambientes dominados por homens.

É notório a partir da fala das entrevistadas, o fato de ser mulher já traz uma cultura com significados e vivências na indústria da construção civil. E através disso, outra dificuldade apresentada nos resultados, revelou-se através da falta de oportunidade por questões de gênero como mostra a fala a seguir:

[...] assim, o único problema que nós mulheres temos em obra é que são muito poucas oportunidades para nós, do fato da gente ser mulher. Não temos como crescer dentro de uma obra, por que muitas vezes a gente espera uma oportunidade de uma pessoa para a gente crescer, às vezes temos competências, mas por sermos mulheres a gente não tem (E55).

Como citam Rosa *et al.* (2017) a indústria da construção civil evidencia as dificuldades no dia a dia das mulheres, uma vez que estas precisam superar os desafios

encontrados. Os autores apontam que a percepção negativa em relação às mulheres na construção é um fator que impede a progressão da carreira trabalhista.

Outra dificuldade relevante apresentada pelas mulheres trabalhadoras de obras de construção civil, diz respeito à temática do machismo e da desvalorização, como pode ser observado através das falas:

[...] justamente por que tem muito machista, principalmente na construção civil [...] (E1).

Assim, como a gente trabalha em obra nós não somos valorizadas, por que temos que erguer a cabeça e não pensar nos outros é pensar na gente e nos filhos que estão em casa. Então a gente não deve escutar certas coisas. Eu como trabalho no refeitório já escutei muita coisa, é por que eu não ligo, hoje em dia quem fala coisa comigo eu não escuto, eu entrego nas mãos de Deus, por que ele sabe o que faz, eu não levo na maldade nem nada. É tanto que eu já escutei muita coisa, mas eu faço de conta que não existe. Me desvalorizam muito, diz que mulher que trabalha em obra é puta, safada, gaieira, que dá pra todo mundo, que transa na obra e muita coisa mais eles me falam aqui, e quase que diariamente [...] (E13).

[...] rapaz, só muitos que dizem quando a gente senta para conversar: se fosse minha mulher eu não deixaria trabalhar em obra, pra mim isso é machismo. Por que acha que qualquer peão vai mexer, e só se ela for querer dar ousadia né? [...] (E14)

[...] em relação aos homens acharem que a mulher não tinha espaço no ambiente de trabalho e na maioria das vezes, como antigamente a gente via que a mulher era só em casa, que não trabalhava. Então , eles vendo mulher em obra, eles achavam que era algo estranho. Então a dificuldade, acho que foi isso mesmo, o machismo do lado masculino [...] (E34).

[...] quando cheguei numa construtora tinham vários homens dando piada, fazendo deboche sendo a primeira vez que fui trabalhar com isso, até fiquei com vergonha de trabalhar e não querer ir mais. Dizendo coisas feias comigo, me desvalorizando, dizendo que eu era uma biscate, enfim foi muito ruim a experiência e ainda lembro da voz que falou isso até hoje [...] (E45)

Os depoimentos demonstram o menosprezo e a desvalorização das mulheres trabalhadoras baseadas nas relações de poder verbalizadas pelos homens. Lombardi (2017) ao estudar o processo de feminização no segmento específico da construção civil identificou a existência de situações explícitas de discriminação e violência, relatando que as mulheres vivenciam diariamente uma cultura profissional machista.

Ibáñez (2017) em sua pesquisa identificou as barreiras enfrentadas pelas mulheres que trabalhavam na indústria da construção civil, dentre elas, a cultura marcada pela masculinidade foi evidenciada. A cultura masculina e a feminilidade foram barreiras citadas, no sentido de que muitas vezes as mulheres vivenciam a desvalorização no trabalho e tem

que conviver com a supervalorização das características masculinas em desvantagens das femininas.

Jimoh *et al.* (2016) ao pesquisarem os desafios enfrentados pelas mulheres na construção civil, identificaram que a falta de autoconfiança das trabalhadoras provocadas pelas atitudes hostis masculinas gera insegurança e fragilidade, colaborando para criação de barreiras e restrições que impedem a entrada das mulheres na indústria de construção civil gerando diversos impactos.

A temática despreparo também foi apresentada como uma dificuldade encontrada, tendo como subcategoria a mulher sendo vista como despreparada por causa da idade, como pode-se observar nas falas a seguir:

[...] pelo fato de eu ter entrado muito nova na empresa eu entrei com 18 anos, a minha dificuldade foi lidar com o pessoal muito mais velho que eu, que já tinha uma cabeça formada, minha cabeça estava ainda em formação, apesar de já estar com 18 anos, profissionalmente estava em formação ainda [...] e aí tinha vezes que eu tinha que questionar alguém na obra ou confrontar ou sei lá, esse tipo de coisa eu me sentia muito acuada por que como eles eram mais velhos que eu aí eles se achavam o dono da situação eu sempre ouvi isso: ah, você é uma menina, uma criança, você não sabe de nada da vida ainda, então minha dificuldade no início foi essa. O mais difícil foi conseguir romper a barreirinha de mais velho, mais novo, por que além de eu ser mulher eu era mais nova [...] (E1).
[...] como entrei cedo, sendo técnica com 20 anos eu encontrei dificuldade não por ser mulher, mas pela idade, tem muita gente mais velha com a idade de ser meu avô e por ser mulher não queria receber ordens e nova... era mais isso, a questão de lidar com a pessoa..., mas aí tem que saber lidar, não só dar ordens e também não ser muito amigável para eles também não confundirem. (E32).
[...] uma dificuldade de adaptação porque você sabe que sempre a um preconceito da mulher no mercado de trabalho, eu acho que ainda existe isso, principalmente como eu trabalho na parte de fiscalização, trabalho com pessoas com idade superior a minha, a um certo receio de poxa vou cumprir ordem de uma criança, uma menina tão nova, isso acontece muito, eles me julgam pela idade [...] (E50).

Ainda em relação ao despreparo, as mulheres relataram que a ideia de incapacidade feminina seria uma dificuldade vivenciada:

[...] achar que a mulher não tem competência de realizar um trabalho bem feito, acha que como é um trabalho mais masculino é muito braçal e acha que a mulher não tem uma visão que o homem tem [...] ou achar que você não tem condição de fazer um trabalho bem feito [...] do colaborador do campo de achar que é mulher aí então ah que nada ela não sabe o que ela tá fazendo, não sabe o que tá falando, tá aqui a patricinha, não conhece o que é obra. Preconceito em relação

a competência, por que acha que a mulher não tem inteligência igual ao homem [...] (E3).

Assim os homens se desfazendo das mulher que trabalha em construção civil, principalmente por dizer que não temos capacidade, sendo que já provei que tenho experiência mas os peão aqui diz que eu e minhas colegas não temos condições de trabalhar aqui. (E53).

Outra dificuldade apresentada diz respeito aos comentários inapropriados e o constrangimento vivenciado:

[...] muita coisa que você ouve, que você as vezes fica constrangida, é normal, você tá numa rodinha quando só tem homens, e você termina ouvindo coisas que você não gostaria de ouvir [...] só que como você é mulher você se sente constrangida com a situação, só por esse fato de ser mulher, mas nada que seja dirigido a mim (E1).

[...]Eu como trabalho no refeitório já escutei muita coisa, é por que eu não ligo, mas já me chamaram de safada, de gaieira, escuto piadinhas dizendo que mulher daqui é tudo puta, falam muita pornografia aqui dentro e temos que lidar diariamente com isso (E13).

[...] essas piadas, ousadas, já escutei bastante. Aqui na obra logo no começo, hoje em dia não escuto tanto. Só escuto quando as vezes eu boto um batom, uma coisa diferente e eles percebem e aí enchem o saco, me deixa nervosa, eu já escutei um dizendo: ah, essa boca no meu peru, eu chorei muito e até hoje eu não falo mais com ele, essas safadezas muitos dizem aqui ainda e eu já vi muita confusão aqui por causa disso, é horrível e só sabe quem passa. (E15).

Uma dificuldade relatada pelas mulheres diz respeito as questões sobre o assédio nas obras de construção civil como pode-se ver a seguir através das falas:

[...] os assédios existem, os preconceitos também [...] essa questão das gracinhas mesmo, as piadinhas, as ousadas (E3).

[...] tinha muito assim os peão dava muito em cima da gente, chamava para ir fazer aquelas coisas, não respeitava, aí foi quando teve muita dificuldade, teve uma época até que eu pedi para sair da empresa, por que era muito chato, ir trabalhar e chegar os colegas de trabalho com essas coisas eu vivia muito, sei lá não gostava. [...] esse negócio de os homens chamar agente para fazer sexo, eu não gostei não, foi a parte que achei mais difícil [...] (E4).

[...] a questão de respeito, de assédio, essas questões [...] (E8).

[...] o mais difícil é o assédio dos homens, assim quando eu entrei mesmo era demais. Eles assediavam mesmo, queriam marcar para sair e não era só os peão não. Os próprios engenheiros, encarregados, a chefia toda. É muito difícil lidar com essas atitudes, sou casada e só quero que me respeitem.(E54).

Lombardi (2017) em seu estudo sobre os desafios do processo de feminização do ramo da engenharia civil no Brasil, identificou indícios consistentes de práticas de assédio

moral e sexual no segmento de edificações habitacionais da construção civil. Apresentando desta maneira, que os assédios acontecem com frequência no ramo da construção civil.

Outra subcategoria apresentada referente as dificuldades encontradas foi a barreira nas relações de trabalho, a convivência que tiveram que enfrentar diante de atitudes hostis:

[...] a maior dificuldade foi aprender a lidar com eles (E1).
[...] essa questão de lidar com os trabalhadores da obra ou até para as relações comerciais que existem que a gente às vezes entra em contato com algumas empresas e acaba, então o problema principal que existe essa questão de comunicação de autoridade, de respeito na verdade uma voz feminina ali tá falando e dele seguirem aquilo que a gente está dizendo, essas relações são muito difíceis, e eles não querem obedecer por que somos mulheres. (E52).
[...] essa parte de saber lidar com as pessoas, porque você tem que saber impor limites não pode dar liberdade para as pessoas e quando você está gerenciando pessoas então você tem que saber que cada cabeça é um mundo cada pessoa você tem que falar de um jeito. Eles muitas vezes não querem fazer por onde tenhamos uma boa convivência, já escutei alguns dizer aqui: Se fosse só homem era melhor, lidar com mulher é pior do que mexer com o diabo, essas coisas no dia a dia atrapalha bastante. (E57).
[...] já esfregaram o pão no meu rosto, por que queriam o café além do que podia, a meta é 200ml e eles queriam mais. No caso, grosseria de muita gente de dizer que como eu coloco comida no prato deles, eles queriam levar a comida e eu para a casa, grosseria [...] e os homens aqui, tem um pedreiro mesmo que eu posso sujar, deixar aí que as mulheres limpam e eu falo a ele que se a gente tá aqui pra limpar o que tá sujo, somos serventes, mulheres e tempos que limpar. Mas se você trabalhou, sujou, quebrou, tem que limpar o grosso e deixar o resto pra a gente limpar, e ele vem com ignorância [...] (E13).

Com referência ainda sobre as dificuldades encontradas, o preconceito vivenciado pelas mulheres em obras de construção civil ficou evidente. Através das falas das participantes, pode-se perceber que os preconceitos apresentaram-se de forma expressa e que a ideia de mulher fácil tornou-se presente a partir das falas:

[...] homem que trabalha na construção civil, acha que nós mulheres da construção civil somos uma qualquer, não sei se é por que conviveram com mulheres assim, não sei, ou se é da cabeça deles mesmo, então ele acha que agente é fácil, é uma qualquer, é uma mulher que qualquer um pode mexer, pode tirar ousadia, liberdade, acho que toda mulher da construção sofre isso. (E1).
[...] rapaz, só muitos que dizem quando a gente senta para conversar: se fosse minha mulher eu não deixaria trabalhar em obra, pra mim isso é machismo. Por que acha que qualquer peão vai mexer, e só se ela for querer dar ousadia né? P/ mim isso é um preconceito e foi muito difícil. E eu digo pelo meu marido que diz que se dependesse dele eu não trabalharia aqui [...] (E14).

[...] os preconceitos, muitos dizem: ah, minha mulher eu não deixo trabalhar em obra não, é o que eles dizem! Aí eu respondo: isso é um problema seu! (E15).

[...] uma vez o pintor chegou para o porteiro da obra que tinha mais intimidade com ele e falou: Tão bonitinha, pena que não gosta da fruta, pelo meu jeito de ser mais dura, mais firme na obra, ele achava que era sapatão. Por não ter essa feminilidade na obra.(E32).

No tocante as fontes de estresse no trabalho foram criadas subcategorias que abordavam os seguintes assuntos: acúmulo de tarefas, urgência no serviço, imprevisibilidade do serviço, receio de erros, serviços mal executados, tarefas indevidas, machismo, pressões no trabalho, inflexibilidade, produtividade, receio do não cumprimento, intrigas, rotina, altas demandas, brincadeiras inapropriadas e reclamações.

As principais fontes são quando tem aquela pressão para você fazer determinado serviço, sabe uma coisa que não estava prevista na minha rotina e aquela semana eu tava toda planejadinha de coisas para fazer e de repente surge muitas outras coisas e tudo urgente, por que na construção civil é tudo urgente [...] quando existe esse tipo de pressão tem que fazer, tem que fazer, é agora, é agora, [...] você termina correndo o risco de deixar passar alguma coisa, deixa fazer alguma coisa errada e que isso é o pior! Termina deixando agente muito estressada (E1).

[...] a principal fonte de estresse aqui, acho que é meu chefe, a pressão que agente toma aqui: faça isso pra hoje [...] (E3).

[...] a cobrança, a questão de não conseguir resolver as coisas e ninguém lhe dá um suporte [...] (E27).

Com isto, percebe-se que apesar da construção civil ser um setor organizado da economia, ainda há registros das dificuldades de mulheres que estão inseridas neste ramo, muitas vezes com precarização nas relações de trabalho. Destaca-se que o trabalho feminino neste setor está marcado também pela divisão sexual do trabalho, e por fim, compreende-se que na construção civil, espaço culturalmente destinado a participação masculina, a inserção das mulheres não está liberta de dificuldades e questionamentos.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou questões referentes ao estresse, saúde e as relações no ambiente de trabalho no ramo da construção civil. Observou-se a existência do estresse nas mulheres trabalhadoras em obras e uma relação significativa com a saúde, ou seja, o estresse e a saúde geral estão negativamente correlacionados. Tal fato pode prejudicar a saúde geral das trabalhadoras, conseqüentemente influenciando as atividades laborais.

Nas palavras das mulheres entrevistadas foi possível perceber a dificuldade vivenciada diariamente no tocante ao preconceito, e as barreiras que estas precisam superar. Os fatos apontaram que a ocupação de novos espaços pelas mulheres traz indagações para o cenário trabalhista, que terá que adaptar-se na quebra de preconceito e paradigmas. Neste sentido, o preconceito e a discriminação são estressores que atuam diretamente no dia a dia das mulheres pesquisadas.

Tais achados, corroboram com as pesquisas atuais e com grande parte da literatura, que descrevem as dificuldades experimentadas por mulheres da construção civil, que inclui assédio, discriminação, cultura organizacional e barreiras neste setor. Estas atitudes contribuem muitas vezes para uma carreira limitada, com baixas perspectivas e elevados índices de estresse para as mulheres.

Percebe-se que a inserção das mulheres no mercado de trabalho da construção civil traz consigo indagações acerca das relações de gênero, estresse e saúde geral que precisam ser mais exploradas. Uma vez que muitas mudanças estão ocorrendo nos cenários trabalhistas e estes achados podem promover mudanças nas relações de trabalho na indústria de construção civil e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

AMARO, M. C.; FILHO, L. A. S.; SANTOS, F. V. D. A mulher no mercado de trabalho formal da construção civil brasileira. *Revista de Desenvolvimento Econômico* 2016; 1(33): 132-153.

APA, American Psychological Association. *The Stress in American*. APA 2017.

APÓSTOLO, J. L.; FIGUEIREDO, M. H.; MENDES, A. C.; RODRIGUES, M. A. Depressão, ansiedade e estresse em usuários de cuidados primários de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* 2011; 19(2): 348-353.

ARAÚJO, A. A.; BRITO, A. M.; NOVAES, S. M. Saúde e autonomia: novos conceitos são necessários?. *Revista Bioética* 2008; 16(1): 117-124.

CAMARGO, B.V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas psicologia* 2013; 21 (2): 513-518.

CAMPOS-SERNA, J.; RONDA-PÉREZ, E.; ARTAZCOZ, L.; MOEN, B. E.; BENAVIDES, F. G. Gender inequalities in occupational health related to the unequal distribution of working and employment conditions: a systematic review. *International Journal for Equity in Health* 2013; 12-57.

CANNON, W. C. Stress and strains of homeostasis. *American Journal of Medical Science* 1935; 189: 1-14.

CARVALHO, M. E. P. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. *Estudos Feministas* 2015; 23(1): 119-136.

CASTIEL, L. D. O estresse na pesquisa epidemiológica: o desgaste dos modelos de explicação coletiva do processo saúde-doença. *Physis: Revista Saúde Coletiva* 2005; 15(1): 103-120.

CATTEL, K.; BOWEN, P.; EDWARDS, P. Stress among South African construction professionals: a job demand-control-support survey. *Journal Construction Management and Economics* 2016, 34(10).

CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Estudos Feministas* 2010; 18(2): 507-528.

CHROUSOS, G. P. Stress and disorders of the stress system. *Nature Reviews Endocrinology* 2009; 5: 374-381.

COHEN, S.; JANICIK-DEVERTS, D.; MILLER, G. E. Psychological stress and disease. *Journal of the American Medical Association* 2007; 298(149): 1685-1687.

COHEN, S.; GIANAROS, P. J.; MANUCK, S. B. A stage model of stress and disease. *Perspectives on Psychological Science* 2016; 11(4): 456-463.

DANIEL, C. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. *Social em Questão* 2011; 16(25): 324-344.

DELONGIS, A.; FOLKMAN, S.; LAZARUS, R.S. The impact of daily stress on health and mood: Psychological and social resources as mediators. *Journal of Personality and Social Psychology* 1988; 54(3): 486-495.

DEVI, K.; KIRAN, U. V. Status of Female Workers in Construction Industry in India: A Review. *Journal Of Humanities And Social Science* 2013; 14(1): 27-30.

DIMSDALE, J. E. Psychological stress and cardiovascular disease. *Journal of the American College of Cardiology* 2008; 51(13): 1237-1246.

DOHRENWEND, B. S. Social Status and Stressful life events. *Journal of Personality and Social Psychology* 1973; 28(2): 225-235.

DORTA, A. A.; TANJI, J. T.; SOUZA, J. R. S.; NEVES, S. E. M.; DAMICO, V. Trabalho e saúde: reflexões sobre as estratégias de enfrentamento do trabalhador. *Omnia Saúde* 2012; 9(2): 28-44.

EDMAN, J. S.; GREESON, J. M.; ROBERTS, R. S.; KAUFMAN, A. B.; ABRAMS, D. L.; DOLOR, R. J.; WOLEVER, R. Q. Perceived stress in patients with common gastrointestinal disorders: Associations with quality of life, symptoms, and disease management. *Explore: The Journal of Science and Healing* 2016; 1-16.

FARIAS, F. R. Sobre o conceito de estresse. *Arquivos Brasileiros de Psicologia* 1985; 38(4): 97-105.

FARO, A. PEREIRA, M. N. Estresse: Revisão narrativa da evolução conceitual, perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia, Saúde e Doenças* 2013; 14(1): 78-100.

FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. A polêmica em torno do conceito de estresse. *Psicologia, Ciência e Profissão* 1999; 19(3): 40-51.

FINK, G. Stress: definition and history. In: Fink,G. *Stress Consequences*. 1st ed. Academic Press; 2009. p. 549-555.

FLOSI, A. Z. Reação de alarme e a síndrome geral de adaptação, conceito de doenças de adaptação e importância da clínica cirúrgica. *Revista de Medicina* 1947; 31(167): 321-351.

FRENCH, E.; STRACHAN, G. Women at work! Evaluating equal employment policies and outcomes in construction. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal* 2015; 34(3): 227-243.

GOLDSTEIN, D. S.; KOPIN, I. J. Evolution of concepts of stress. *Stress* 2007; 10(2) 109-120.

GOMES, C. M.; CAPELLARI, C.; PEREIRA, D. S.; VOLKART, P. R.; MORAES, A. P.; JARDIM, V.; BERTUOL, M. Estresse e risco cardiovascular: intervenção multiprofissional de educação em saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2016; 69(2): 351-359.

GOUVEIA, V. V.; CHAVES, S. S. S.; OLIVEIRA, I. C. P; DIAS, M, R.; GOUVEIA, R. S. V.; ANDRADE, P. R. A utilização do QSG-12 na população geral: estudo de sua validade de construto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2003; 19(3): 241-248.

GOUVEIA, V. V.; LIMA, T. J. S.; GOUVEIA, R. S. V.; FREIRES, L. A.; BARBOSA, L. H. G. M. Questionário de Saúde Geral (QSG-12): o efeito de itens negativos em sua estrutura fatorial. *Cadernos de Saúde Pública* 2012; 28(2): 375-384.

- IBÁÑEZ, M. Women in the construction trades: Career types and associated barriers. *Women's Studies International Forum* 2017; 60: 39-48.
- JIMOH, R. A.; OYEWABI, L. O.; ADAW, A. N.; BAJERE.; P. A. Women professionals' participation in the nigerian construction industry: finding voice for the voiceless. *Organization, Technology and Management in Construction* 2016; 8(1): 1429–1436.
- KAGAN, J. Why Stress Remains na Ambiguous Concept: Reply to McEwen & McEwen (2016) and Cohen et al (2016). *Perspectives on Psychological Science* 2016; 11(4): 464-465.
- KAMARDEEN, I.; SUNINDIJOM, R. Y. Personal Characteristics Moderate Work Stress in Construction Professionals. *Journal of Construction Engineering and Management* 2017; 143(10): 04017072.
- KRANNER, I.; MINIBAYEVA, F. V.; BECKETT, R. P.; SEAL, C. E. What is stress? Concepts, definitions and applications in seed Science. *New Phytologist* 2010; 188(3): 655-673.
- LAZARUS, R. S. From Psychological stress to the emotions: A History of Changing Outlooks. *Annual Reviews Psychological* 1993; 44(1): 1-21.
- LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer; 1984.
- LIPP, M. E. N. *Inventário de Sintomas do Stress para adultos*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.
- LIPP, M. E. N. O modelo quadrifásico do stress. In: *Mecanismos Neuropsicofisiológicos do stress: teorias e aplicações clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. p. 17-22.
- LIPP, M. E. N. *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2014.
- LOMBARDI, M. R. Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero. *Cadernos de Pesquisa* 2017; 47(163): 122-146.
- LUFT, C. B.; SANCHES, S. O.; MAZO, G. Z.; ANDRADE, A. Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. *Revista de Saúde Pública* 2007; 41(4): 606-615.
- LUNDBERG, U. Stress and (Public) Health. *Elsevier* 2008; 6: 445-449.
- MADALOZZO, R.; BLOFIELD, M. Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? *Estudos Feministas* 2017; 25(1): 215-240.
- MALAGRIS, L. E. N.; FIORITO, A. C. C. Avaliação do nível de stress de técnicos da área de saúde. *Estudos de Psicologia (Campinas)* 2006; 23(4): 391-398.
- MARGIS, R.; PICON, P.; COSNER, A. F.; SILVEIRA, R. O. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul* 2003; 25(1): 65-74.
- MARINACCIO, A.; FERRANTE, P.; CORFIATI, M.; DITECCO, C.; RONDINONE, B. M.; BONAFEDE, M.; RONCHETTI, M.; PERSECHINO, B.; IAVICOLI, S. The relevance of sócio-demographic and occupational variables for the assessment of work-related stress risk. *Biomed Central Public Health* 2013; 13:1157.

MARIOTTI, A. The effects of chronic stress on health: new insights into the molecular mechanisms of brain–body communication. *Future Science* 2015; 1(3): 023.

MARTIN, P.; BARNARD, A. The experience of women in male – dominated occupations: A constructivist grounded theory inquiry. *Sa Journal of Industrial Psychology* 2013; 39(2): 1099-1111.

MAYOR, E. Gender roles and traits in stress and health. *Frontiers in Psychology* 2015; 6: 1-7.

MCEWEN, B. S.; MCEWEN, C. A. Response to Jerome Kagan's Essay on Stress. *Perspectives on Psychological Science* 2016; 11(4): 451-455.

MESQUISTA, C. T.; NÓBREGA, A. C. L. Miocardiopatia Adrenérgica: o estresse pode causar uma cardiopatia aguda?. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia* 2005; 84(4): 283-284.

MIKHAIL, A. Stress: A Psychophysiological conception. *Journal of Human Stress* 1981; 7(2): 9-15.

MORTON, J. P.; KAYANI, A. C.; MCARDLE, A.; DRUST, B. The Exercise-Induced Stress Response of Skeletal Muscle, with Specific Emphasis on Humans. *Sports Medicine* 2009; 39(8): 643-662.

MUSCATELL, K. A.; EISENBERGER, N. I. A social neuroscience perspective on stress and health. *Social & Personality Psychology Compass* 2012; 6(12): 890-904.

MYERS, B. Corticolimbic regulation of cardiovascular responses to stress. *Physiology & Behavior* 2017; 172: 49-59.

NAVARRO-ASTOR, E.; ROMÁN-ONSALO, M.; INFANTE-PEREA, M. Women's career development in the construction industry across 15 years: main barriers. *Journal of Engineering, Design and Technology* 2017; 15(2): 199-221.

NORDENFELT, L. On concepts of positive health. *Handbook of the Philosophy of Medicine* 2017; 29-43.

OLOFSDOTTER, G.; RASMUSSEN, M. Gender (in)equality contested: externalising employment in the construction industry. *New Technology, work and employment* 2016; 31(1): 41-57.

REICHERT, F.F.; LOCH, R.; CAPILHEIRA, M. F. Autopercepção de saúde em adolescentes, adultos e idosos. *Ciência & Saúde Coletiva* 2012; 17(12): 3353-3362.

REIS, M. J. D.; RABELO, L. Z. Fibromialgia e estresse: explorando relações. *Temas em Psicologia* 2010; 18(2): 399-414.

RIBEIRO, L. M.; ALVES, N. G.; FONSECA, V. A. P. S.; NEMER, A. S. A. Influência da resposta individual ao estresse e das comorbidades psiquiátricas na síndrome do intestino irritável. *Revista Psiquiatria Clínica* 2011; 38(2): 77-83.

ROM, O.; REZNICK, A. Z. The stress reaction: a historical perspective. *Respiratory Contagion* 2015; 905(1): 1-4.

- ROSA, J.E., HON, C.K.H., XIA, B.; LAMARI, F. Challenges, success factors and strategies for women's career development in the Australian construction industry. *Construction Economics and Building* 2017; 17(3): 27-46.
- SANTUS, P.; CORSICO, A.; SOLIDORO, P.; BRAIDO, F.; DIMARCO, F.; SCIHILONE, N. Oxidative stress and respiratory system: Pharmacological and clinical reappraisal of N-acetylcysteine. *Journal of Chronic Obstructive Pulmonary Disease* 2014; 11: 705-717.
- SCHÖNFELD, P.; BRAILOVSKAIA, J.; BIEDA, A.; ZHANG-CHI, X.; MARGRAF, J. The effects of daily stress on positive and negative mental health: Mediation through self-efficacy. *International Journal of Clinical and Health Psychology* 2016; 16(1): 1-10.
- SCLIAR, M. História do conceito de Saúde. *Physis: Revista Saúde Coletiva* 2007; 17(1): 29-41.
- SEGRE, M.; FERRAZ, F. C. O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública* 1997; 31(5): 538-542.
- SELYE, H. A Syndrome produced by Diverse Nocuous Agents. *Nature* 1936; 138: 32-32.
- SELYE, H. The general adaptation syndrome and the diseases of adaptation. *Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism* 1946; 6(2): 117-230.
- SELYE, H. Stress and Disease. *Science* 1954; 122(3171): 625-631.
- SELYE, H. *Stress: A tensão da vida*. São Paulo: IBRASA; 1965.
- SELYE, H. History and presente status of the stress concept. In: Goldberger L, Breznitz S. *Handbook of Stress: Theoretical and Clinical Aspects*. 2nd ed. New York: Free Press; 1993. p. 7-17.
- SILVA, N.; SAMANMALI, R.; SILVA, H.L. Managing occupational stress of professionals in large construction projects. *Journal of Engineering, Design and Technology* 2017; 4-25.
- SLAVICH, G. M. Life stress and health: a review of conceptual issues and recent findings. *Teaching Psychology* 2016; 43: 346-355.
- SOUZA, M. B. C.; SILVA, H. P.; COELHO, N. L. G. Resposta ao estresse: I. Homeostase e teoria da alostase. *Estudos de Psicologia* 2015; 20(1): 2-11.
- STAMARSKI, C. S.; HING, L. S. S. Gender inequalities in the workplace: the effects of organizational structures, processes, practices, and decision markers' sexism. *Frontiers in Psychology* 2016; 6: 1664-1078.
- TORRES, P. R.; PADILHA, R. A. A.; SIMÓ, M. J. M. Job Stress across Gender: The Importance of Emotional and Intellectual Demands and Social Support in Women. *International Journal of Environmental Research and Public Health* 2013; 10(1): 375-389.
- TOUSSAINT, L.; SHIELDS, G. S.; DORN, G.; SLAVICH, G. M. Effects of lifetime stress exposure on mental and physical health in Young adulthood: How stress degrades and forgiveness protects health. *Journal of Health Psychology* 2016; 21: 1004-1014.

VINNER, R. Putting Stress in life: Hans Selye and the making of Stress Theory. *Social Studies of Science* 1999; 29(3): 391-410.

VITALE, G.; SALVIOLI, S.; FRANCESCHI, C. Oxidative stress and the ageing endocrine system. *Nature Reviews Endocrinology* 2013; 9: 228-240.

ZANELLI, J. C. *Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas nas evidências*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 52-64.

ZORN, J. V.; SCHUR, R. R.; BOKS, M. P.; KAHN, R. S.; JOELS, M.; VINKERS, C. H. Cortisol stress reactivity across psychiatric disorders: A systematic review and meta-analysis. *Psychoneuroendocrinology* 2017; 77: 25-36.

ZURBRÜGG, L. MINER, K. N. Gender, Sexual Orientation, and Workplace Incivility: Who Is Most Targeted and Who Is Most Harmed?. *Frontiers in Psychology* 2016; 7: 565.

ANEXO I

ESCALA DE ESTRESSE PERCEBIDO

As questões nesta escala perguntam sobre seus sentimentos e pensamentos durante o último mês. Em cada caso, será pedido para você indicar o quão frequentemente você tem se sentido de uma determinada maneira. Embora algumas das perguntas sejam similares, há diferenças entre elas e você deve analisar cada uma como uma pergunta separada.

<i>0 – Nunca</i>	<i>1 – Quase nunca</i>	<i>2 – Não mais que o habitual</i>	<i>3 – Quase sempre</i>	<i>4 - Sempre</i>
----------------------	----------------------------	--	-----------------------------	-----------------------

NESTE MÊS, COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ TEM...



1. Ficado triste por causa de algo que aconteceu inesperadamente?	
2. Se sentido incapaz de controlar coisas importantes em sua vida?	
3. Se sentido nervoso e estressado?	
4. Tratado com sucesso dos problemas difíceis da vida?	
5. Se sentido que está lidando bem com as mudanças importantes que estão ocorrendo em sua vida?	
6. Se sentido confiante na sua habilidade de resolver problemas pessoais?	
7. Sentido que as coisas estão acontecendo de acordo com a sua vontade?	
8. Achado que não conseguiria lidar com todas as coisas que você tem que fazer?	
9. Conseguido controlar as irritações em sua vida?	
10. Sentido que as coisas estão sob seu controle?	
11. Ficado irritado porque as coisas que acontecem estão fora do seu controle?	
12. Se encontrado pensando sobre as coisas que deve fazer?	
13. Conseguido controlar a maneira como gasta seu tempo?	
14. Sentido que as dificuldades se acumulam a ponto de você acreditar que não pode superá-las?	

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DE SAÚDE GERAL

Instruções: As seguintes questões desejam saber como você se sente nos últimos tempos.
Favor marcar uma resposta que melhor corresponda a sua avaliação.

<i>1. Absolutamente não</i>	<i>2. Não mais que de costume</i>
<i>3. Um pouco mais do que de costume</i>	<i>4. Muito mais do que de costume</i>

ULTIMAMENTE:



1. Tem podido concentrar-se no que faz?	
2. Suas preocupações o fazem perder o sono?	
3. Tem sentido que tem um papel útil na vida?	
4. Tem sido capaz de tomar decisões?	
5. Tem notado que está agoniado?	
6. Tem a sensação de não superar as dificuldades?	
7. Tem sido capaz de desfrutar das atividades?	
8. Tem sido capaz de enfrentar os problemas?	
9. Tem se sentido pouco feliz e deprimido?	
10. Tem perdido a confiança em si mesmo?	
11. Tem pensado que não serve para nada?	
12. Tem se sentido razoavelmente feliz?	

ANEXO III

INVENTÁRIO DE SINTOMAS DE STRESS PARA ADULTOS DE LIPP (ISSL)

Quadro 1a – Marque com F1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas

- () 1. MÃOS E PÉS FRIOS
- () 2. BOCA SECA
- () 3. NÓ NO ESTÔMAGO
- () 4. AUMENTO DE SUDORESE (muito suor, suadeira)
- () 5. TENSÃO MUSCULAR
- () 6. APERTO DA MANDÍBULA/RANGER OS DENTES
- () 7. DIARRÉIA PASSAGEIRA
- () 8. INSÔNIA (dificuldade para dormir)
- () 9. TAQUICARDIA (batedeira no peito)
- () 10. HIPERVENTILAÇÃO (respirar ofegante, rápido)
- () 11. HIPERTENSÃO ARTERIAL SÚBITA E PASSAGEIRA (pressão alta)
- () 12. MUDANÇA DE APETITE

Quadro 1B – Marque com P1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas

- () 13. AUMENTO SÚBITO DE MOTIVAÇÃO
- () 14. ENTUSIASMO SÚBITO
- () 15. VONTADE SÚBITA DE INICIAR NOVOS PROJETOS

Quadro 2A – Marque com F2 os sintomas que tem experimentado na última semana

- () 1. PROBLEMAS COM A MEMÓRIA
- () 2. MAL ESTAR GENERALIZADO, SEM CAUSA ESPECÍFICA
- () 3. FORMIGAMENTO DAS EXTREMIDADES
- () 4. SENSAÇÃO DE DESGASTE FÍSICO CONSTANTE
- () 5. MUDANÇA DE APETITE
- () 6. APARECIMENTO DE PROBLEMAS DERMATOLÓGICOS (problemas de pele)
- () 7. HIPERTENSÃO ARTERIAL (pressão alta)
- () 8. CANSAÇO CONSTANTE
- () 9. APARECIMENTO DE ÚLCERA
- () 10. TONTURA/SENSAÇÃO DE ESTAR FLUTUANDO

Quadro 2B – Marque com P2 os sintomas que tem experimentado na última semana

- () 11. SENSIBILIDADE EMOTIVA EXCESSIVA (estar muito nervoso)
- () 12. DÚVIDA QUANTO A SI PRÓPRIO
- () 13. PENSAR CONSTANTEMENTE EM UM SÓ ASSUNTO
- () 14. IRRITABILIDADE EXCESSIVA
- () 15. DIMINUIÇÃO DA LIBIDO (sem vontade de sexo)

Quadro 3A – Marque com F3 os sintomas que tem experimentado no último mês

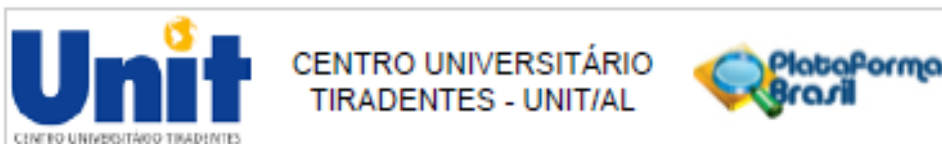
- 1. DIARRÉIA FREQUENTE
- 2. DIFICULDADES SEXUAIS
- 3. INSÔNIA (dificuldade para dormir)
- 4. NÁUSEA
- 5. TIQUES
- 6. HIPERTENSÃO ARTERIAL CONTINUADA (pressão alta)
- 7. PROBLEMAS DERMATOLÓGICOS PROLONGADOS (problemas de pele)
- 8. MUDANÇA EXTREMA DE APETITE
- 9. EXCESSO DE GASES
- 10. TONTURA FREQUENTE
- 11. ÚLCERA
- 12. ENFARTE

Quadro 3B – Marque com P3 os sintomas que tem experimentado no último mês

- 13. IMPOSSIBILIDADE DE TRABALHAR
- 14. PESADELOS
- 15. SENSAÇÃO DE INCOMPETÊNCIA EM TODAS AS ÁREAS
- 16. VONTADE DE FUGIR DE TUDO
- 17. APATIA, DEPRESSÃO OU RAIVA PROLONGADA
- 18. CANSAÇO EXCESSIVO
- 19. PENSAR/FALAR CONSTANTEMENTE EM UM SÓ ASSUNTO
- 20. IRRITABILIDADE SEM CAUSA APARENTE
- 21. ANGÚSTIA/ANSIEDADE DIÁRIA
- 22. HIPERSENSIBILIDADE EMOTIVA
- 23. PERDA DO SENSO DE HUMOR

ANEXO IV

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Correlação entre estresse e saúde geral em mulheres trabalhadoras da construção civil

Pesquisador: Diego Freitas Rodrigues

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65206716.9.0000.5641

Instituição Proponente: SOCIEDADE DE EDUCACAO TIRADENTES S/S LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.989.200

Apresentação do Projeto:

Estudo com abordagem quantitativa e qualitativa que se propõe a identificar a relação entre os índices de estresse e saúde geral em mulheres trabalhadoras na indústria de construção civil em Aracaju-SE onde serão aplicados: questionário sócio-demográfico, questionário de saúde geral (QSG-12), a escala de estresse percebido (PSS), e um roteiro de entrevista semi-estruturado para a coleta dos dados.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar a relação entre os índices de estresse e de saúde geral com mulheres trabalhadoras em obras de construção civil de Aracaju/SE.

Objetivo Secundário:

- Investigar a relação do estresse com os transtornos depressivo e de ansiedade leves na escala QSG-12.
- Identificar a relação do estresse com o fator auto-eficácia.
- Avaliar o impacto de variáveis sócio-demográficas e gênero sobre os índices de estresse e saúde geral.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentados, porém, a forma de minimizar os riscos não foi alimentada na Plataforma.

Endereço: Av. Gustavo Palva, 5017, Sala 2/ Bloco A
Bairro: Campus Amélia Uchôa **CEP:** 57.038-000
UF: AL **Município:** MACEIO
Telefone: (82)3311-3113 **E-mail:** cep@al.unit.br

Continuação do Parecer: 1.909.200

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante, tendo em vista o momento atual no Brasil, bem como a luta da mulher para inserção no mercado de trabalho em ambientes tradicionalmente masculinos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados.

Porém, algumas declarações estão direcionadas ao CEP da Universidade Tiradentes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se incluir as formas de minimizar os riscos na Plataforma.

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado acata o parecer da relatoria e aprova o projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_826055.pdf	15/02/2017 19:39:56		Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoclinicadepsicologiaassinada.pdf	15/02/2017 19:39:24	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCEoficialassinado2.pdf	15/02/2017 19:38:37	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCEoficialassinado1.pdf	15/02/2017 19:38:17	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	16/11/2016 15:54:24	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Outros	Questionario2.docx	14/11/2016 12:43:26	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Outros	Questionario1.docx	14/11/2016 12:43:08	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Declaração de Pesquisadores	declaracaopesquisadores1.pdf	14/11/2016 12:42:33	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Infraestruturalaboratorio1.pdf	14/11/2016 12:42:16	Diego Freitas Rodrigues	Acelto
Declaração de Instituição e	Infraestruturapensa1.pdf	14/11/2016 12:42:02	Diego Freitas Rodrigues	Acelto

Endereço: Av. Gustavo Palva, 5017, Sala 2/ Bloco A

Bairro: Campus Amélia Uchôa

CEP: 57.038-000

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3311-3113

E-mail: cep@al.unit.br

Continuação do Parecer: 1.909/200

Infraestrutura	infraestruturapresa1.pdf	14/11/2016 12:42:02	Diego Freitas Rodrigues	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaounit1.pdf	14/11/2016 12:41:49	Diego Freitas Rodrigues	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaolaboratorio1.pdf	14/11/2016 12:41:34	Diego Freitas Rodrigues	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaopresa1.pdf	14/11/2016 12:41:18	Diego Freitas Rodrigues	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Modelodeprojetoestefanie.docx	14/11/2016 12:40:48	Diego Freitas Rodrigues	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 29 de Março de 2017

Assinado por:
Janaina accordi Junkes
(Coordenador)

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Sexo	Feminino
Idade	_____
Profissão	_____
Residência	Capital () Bairro: _____ Interior () _____
Escolaridade	Não Alfabetizado () Apenas escreve o nome () Fundamental () Médio () Técnico () _____ Superior () _____
Mantém algum relacionamento amoroso na atualidade (namoro, noivado, casamento, etc):	Sim () _____ Não ()
Possui alguma doença crônica, diagnosticada por médico:	Sim (): _____ Não ()
Neste momento, em geral, você pode se considerar:	Saudável () Doente ()
Tem filhos:	Sim 01 () Sim 02 () Sim 03 ou mais Não ()
Professa religião:	Sim () Não ()
Incluindo você , quantas pessoas moram em sua residência?	() 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 ou mais
Você mora em:	() Imóvel próprio () Imóvel Alugado () Imóvel cedido () Outro _____
Qual o meio de Transporte mais utilizado para você ir até o trabalho?	() A pé () Bicicleta () Ciclomotor () Motocicleta () Carona () Transporte público () Carro próprio/familiar () Outro: _____
Aproximadamente quanto tempo normalmente você leva para ir da sua casa até o trabalho?	() Até 10 min () Até 20 min () Até 30 min () Até 40 min () Até 50 min () Até 60 min () Mais que 60 min _____
Atualmente Trabalha em um outro local, além da ob ob:	Sim () _____ Não ()
Carga horária total de trabalho:	_____
Em sua vida no geral, aconteceu algum fato (bom ou ruim) durante os últimos 12 meses que pode ser considerado como um evento excepcional, ou mesmo que tenha realmente marcado este período?	Sim () Não ()
Você pratica alguma atividade física?	() Não () Sim 1x por semana () Sim 2x por semana () Sim 3x por semana () Outro: _____
Você fuma?	() Não () Sim
Você faz uso de bebidas alcoólicas ?	() Não () Sim

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1 – Como foi a sua trajetória profissional? Quais são as maiores dificuldades encontradas no seu ambiente de trabalho, por você ser mulher?

2 – Você acredita que a mulher no ambiente de trabalho com predominância masculina passa por algumas dificuldades? Se sim, cite algumas.

3- Os preconceitos existem e todos nós sabemos. O que foi mais difícil para você trabalhar em obras de construção civil?

4- Qual o seu conhecimento sobre o estresse? Para você quais são as principais fontes de estresse no seu ambiente de trabalho? Cite algumas.

5- Na sua opinião, quais os principais impactos do estresse na vida das pessoas?

6 - Quais as relações existentes entre suas atividades no trabalho e o estresse?

7- Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser mulher que trabalha na indústria de construção civil? Se sim, cite os principais problemas encontrados.

8- Quais são as principais diferenças entre homens e mulheres na construção civil?

9- Para você quais são as atividades que as mulheres desenvolvem melhor pelo fato de ser mulher no ramo da construção civil?

10- Equilibrar família, filhos e relações pessoais com o trabalho é o grande desafio da mulher atual. Como você encontra este equilíbrio?

11- Na sua opinião quais estratégias de trabalho poderiam ser melhoradas?

12 - Para você como deveria ser um ambiente ideal para a mulher que trabalha na indústria de construção civil? Quais os desafios que precisam ser superados?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Correlação entre estresse e saúde geral com mulheres trabalhadoras da construção civil”, desenvolvida por Stefanie Silva Vieira, discente de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes, sob orientação dos Professores: Dr^o Diego Freitas Rodrigues e Dr^a Cristiane Costa da Cunha Oliveira.

O objetivo central do estudo é identificar a relação entre os índices de estresse e de saúde geral com mulheres trabalhadoras em obras de construção civil de Aracaju/SE.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário à pesquisadora do projeto, preservando qualquer tipo de constrangimento, no momento da aplicação do questionário, ao perguntar sobre as características sócio econômicas e ambientais do domicílio, desta forma, a entrevista será realizada em sala reservada. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 35 minutos.

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seus orientadores. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 05 anos, conforme Resolução CNS n.466/12.

Gostaríamos de ressaltar que o senhor (a) vier a sofrer algum dano de cunho psicológico resultante da sua participação na pesquisa, previsto no termo de consentimento, o (a) senhor (a) poderá ter acesso à assistência na Clínica de Psicologia da Universidade Tiradentes, seguindo os parâmetros e princípios organizativos da instituição.

Os riscos do estudo podem ser citados através da premissa que este, poderá provocar um desconforto pelo tempo exigido para a aplicação dos instrumentos para a coleta dos dados como também o constrangimento por responder perguntas específicas, no entanto, os questionários serão aplicados de forma respeitosa em uma sala reservada para tal atividade. Em contrapartida, os benefícios esperados com o desenvolvimento da pesquisa constituem uma importante contribuição para o entendimento das questões referentes à inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Tiradentes. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo

que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

CEP/Centro Universitário Tiradentes

Av. Mur Av. Comendador Gustavo Paiva, 5017 – Cep: 57038-000, Cruz das Almas, Maceió – AL.

Telefone: (82) 3311-3100– e-mail: pesquisa_cientifica@unit.br

Pesquisador(a) responsável

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (79) 99812-6954 e (82) 96095316

e-mail: Stefanie.vieira@hotmail.com e diegofreitasrodrigues@outlook.com

_____, ____ de _____ de _____ .

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Este documento será assinado em duas vias, sendo que uma via ficará comigo e outra com o pesquisador principal.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante:

APÊNDICE D

Entr.	Cargo	Idade	Formação Escolar				Estresse	
			Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Técnico	Ensino Superior	Sim	Não
E1	Técnica em Edificações	28			x			X
E2	Auxiliar de Escritório	19				X	X	
E3	Analista de Qualidade	33				X		X
E4	Auxiliar de Serviços Gerais	56	X				X	
E5	Auxiliar de Serviços Gerais	39	X				X	
E6	Auxiliar de Escritório	30				X		X
E7	Assistente de Engenharia	21				X		X
E8	Recursos Humanos	26				X		X
E9	Técnica em Edificações	25				X		X
E10	Auxiliar de Serviços Gerais	37		X			X	
E11	Auxiliar de Serviços Gerais	40	X				X	
E12	Auxiliar de Serviços Gerais	36		X				X
E13	Auxiliar de Serviços Gerais	36		X			X	
E14	Auxiliar de Serviços Gerais	26		X				X
E15	Auxiliar de Serviços Gerais	37		X			X	
E16	Técnica em Edificações	27			x			X
E17	Auxiliar de Serviços Gerais	42	X				X	
E18	Auxiliar de Serviços Gerais	24		X			X	
E19	Estagiária de Engenharia	21				x	X	

E20	Auxiliar de Serviços Gerais	26	X				X	
E21	Auxiliar de Serviços Gerais	35		X			X	
E22	Auxiliar de Serviços Gerais	40		X			X	
E23	Auxiliar de Serviços Gerais	36		X				X
E24	Auxiliar de Serviços Gerais	19		X				X
E25	Auxiliar de Serviços Gerais	37		X			X	
E26	Auxiliar de Serviços Gerais	28		X			X	
E27	Auxiliar de Serviços Gerais	54	X				X	
E28	Arquiteta	28				x		X
E29	Auxiliar de Escritório	31			x		X	
E30	Assist. de Segurança no Trabalho	20			x		X	
E31	Auxiliar de Serviços Gerais	27	X				X	
E32	Técnica em Edificações	24				x	X	
E33	Arquiteta	35				x		X
E34	Técnica em Edificações	32				x	X	
E35	Engenheira Civil	27				x	X	
E36	Engenheira Civil	25				x	X	
E37	Engenheira Civil	26				x	X	
E38	Engenheira Civil	41				x	X	
E39	Estagiária de Engenharia	23				x		X
E40	Técnica em Edificações	35				x		X
E41	Auxiliar de Serviços Gerais	28		X			X	
E42	Auxiliar de Serviços Gerais	33		X			X	
E43	Auxiliar de Serviços	30		X			X	

	Gerais							
E44	Auxiliar de Serviços Gerais	50		X			X	
E45	Auxiliar de Serviços Gerais	43	X				X	
E46	Técnica em Edificações	41			x			X
E47	Auxiliar de Serviços Gerais	40		X			X	
E48	Auxiliar de Serviços Gerais	41	X				X	
E49	Auxiliar de Serviços Gerais	40		X				X
E50	Fiscal de Obras	24				X		X
E51	Técnica em Segurança do Trabalho	21				X	X	
E52	Estagiária em Téc. de Seg. do Trabalho	19			X			X
E53	Auxiliar de Serviços Gerais	30	X				X	
E54	Auxiliar de Serviços Gerais	37		X			X	
E55	Auxiliar de Serviços Gerais	30		X			X	
E56	Técnica em Segurança do Trabalho	39				X	X	
E57	Auxiliar de Escritório	30				X		X

	<p>T.E. 01 – [...] justamente por que tem muito machista, principalmente na construção civil [...]</p> <p>A .S.G. 07- [...] tem muito machismo também [...]</p> <p>A .S.G. 07- [...] rapaz, só muitos que dizem quando a gente senta para conversar: se fosse minha mulher eu não deixaria trabalhar em obra [...]</p> <p>A .S.G. 08- [...] os preconceitos, muitos dizem: ah, minha mulher eu não deixo trabalhar em obra não, é o que eles dizem!</p> <p>A.S.G. 06- [...] como a gente trabalha em obra nós não somos valorizadas [...]</p> <p>A.S.G. 06- [...] a desvalorização, por que diz que mulher que trabalha em obra é desvalorizada, muito desvalorizada [...]</p> <p>A .S.G. 08 - [...] Acham que todas as mulheres vai dar ousadia aos peão, entendeu? e eu me sinto desvalorizada com isso!</p>		
	<p>T.E. 01 - [...] pelo fato de eu ter entrado muito nova na empresa eu entrei com 18 anos, a minha dificuldade foi lidar com o pessoal muito mais velho que eu, que já tinha uma cabeça formada, minha cabeça estava ainda em formação, apesar de já estar com 18 anos, profissionalmente estava em formação ainda [...] e aí tinha vezes que eu tinha que questionar alguém na obra ou confrontar ou sei lá , esse tipo de coisa eu me sentia muito acuada por que como eles eram mais velhos que eu aí eles se achavam o dono da situação eu sempre ouvi isso: ah, você é uma menina , uma criança, você não sabe de nada da vida ainda, então minha dificuldade no início foi essa.</p> <p>T.E. 01 – O mais difícil foi conseguir romper a barreira de mais velho, mais novo, por que além de eu ser mulher eu era mais nova [...]</p> <p>A.S.E 01 – [...]no início eles ficavam meio assim, por eu ser nova demais, por ser muito nova [...]</p> <p>A.S.E 01 – [...]então foi isso, quando eu comecei por ser muito nova, ainda sou muito nova e aí eles ficavam meio receosos comigo até se acostumar, até acostumar comigo e a ter uma nova rotina.</p>	<p>Vista como despreparada devido à idade</p>	<p>Despreparo</p>

	<p>T.E. 02- [...] qualquer serviço, qualquer área, eu já estive presente e eu já pude liderar! Eu não vivi e nem vivo dificuldades, ou preconceitos [...]</p> <p>T.E. 02- [...]eu prefiro! Eu acho mais fácil trabalhar, lidar com homem do que com mulher assim. Agente tem a equipe aqui de servente que são mulheres mas se você me perguntar se eu prefiro trabalhar com elas ou com os homens, eu prefiro com eles. Eu acho eles menos problemáticos, sem muita conversa.</p> <p>T.E. 02- [...] Eu não sinto muita dificuldade, não estou dizendo que o preconceito não exista, possa ser que exista, mas tô falando do que eu vivi, eu nunca senti nenhuma dificuldade e nem por ser mulher não poder liderar tal serviço [...]</p> <p>A.S.G. 04 – Nenhuma, pra mim nenhuma tá tudo normal.</p>	<p>trabalho Masculino</p> <p>Experiência</p> <p>Normalidade</p>	
	<p>A.Q. 01 – [...]os assédios existem, os preconceitos também [...]</p> <p>A.Q. 01 – [...]essa questão das gracinhas mesmo, as piadinhas, as ousadas.</p> <p>A.S.G. 01 – [...] tinha muito assim os peão dava muito em cima da gente, chamava para ir fazer aquelas coisas, não respeitava, aí foi quando teve muita dificuldade, teve uma época até que eu pedi para sair da empresa, por que era muito chato, ir trabalhar e chegar os colegas de trabalho com essas coisas eu vivia muito, sei lá não gostava.</p> <p>A.S.G. 01 – [...] esse negócio de os homens chamar agente para fazer sexo, eu não gostei não, foi a parte que achei mais difícil [...]</p> <p>R.H. 01- [...] a questão de respeito, de assédio, essas questões [...]</p> <p>A.S.G. 08 – [...] Só escuto quando as vezes eu boto um batom, uma coisa diferente e eles percebem e aí enchem o saco, me deixa nervosa.</p>	<p>Comportamentos</p>	<p>Assédio</p>
	<p>A.S.G. 01 – [...] as vezes quando está num lugar que tem muito homem, precisa fazer as necessidades e não consegue, achando que vai ter gente que vai abrir a porta ou espionar você, conversar certas</p>	<p>Restrição</p>	<p>Privacidade</p>

	coisas não podemos [...] A.S.G. 03 – [...] sim, nos sentimos constrangida um pouco por ter muitos homens. A nossa privacidade nunca vai ser a mesma, a gente vai tá sempre nos recontraindo, mas recuada.		
	A.S.G. 01 – [...] se você for se abrir com algum deles, já acha que você está dando ousadia, se entregando, se oferecendo aí são essas as dificuldades [...]	Relações de Trabalho	Discernimento
	A.D.M. 01- As dificuldades em particular que eu acho, são questões de conversas a forma do homem conversar é diferente da mulher [...] A.D.M. 01- [...] acho que seja a questão da conversa, de como se fala a questão do tratamento, como fala a forma de como agente conversa. Acho que existe essa diferença pro homem é mais fácil o homem conversar com outro homem e quando você é mulher para conversar com homem eu acho que é diferente, difícil.	Tratamento	Diálogo
	A.S.E. 01- [...] na construção civil sim, o homem é mais valorizado, do que a mulher na construção civil, acredito que em todos os setores	Prestígio masculino	Prestígio
	R.H. 01- [...] mas eu acho que é a questão de você ser mulher e conseguir dependendo da posição que você tenha conseguir administrar tantos homens, vamos dizer.	Gerenciamento	Administração
	T. E. 02- [...] e a dificuldade que eu senti, não foi por ser mulher, mas na procura de ingressar num local que você não tem contato, não conhece pessoas [...]	Sem conhecimento	Inserção
	A.S.G. 05- [...] logo no começo eu senti dificuldade pelo problema que eu tenho na pele [...] A.S.G. 05- [...] primeira vez que a médica não queria me aceitar no trabalho por eu ter esse problema de pele , aí eu fui tive que ir para outro médico, que me deu uma ordem me liberando dizendo que esse problema não atrapalha no meu serviço, e eu me senti que ela estava com preconceito por eu ser assim [...]	Problemas Dermatológicos	Saúde
	A.S.G. 06- [...] já esfregaram o pão no meu rosto, por que queriam o café além do que podia, a meta é 200ml e eles queriam mais. No caso, grosseria de muita gente de dizer que como eu coloco comida no prato deles, eles queriam levar a comida e eu para a casa, grosseria [...] A.S.G. 06- [...] e os homens aqui, tem um	Atitudes Comportamentais	Ignorância

	pedreiro mesmo que eu posso sujar, deixar aí que as mulheres limpam e eu falo a ele que se a gente tá aqui pra limpar o que tá sujo, somos serventes, mulheres e tempos que limpar. Mas se você trabalhou, sujou, quebrou, tem que limpar o grosso e deixar o resto pra a gente limpar, e ele vem com ignorância [...]		
--	--	--	--

Categoria Operacional	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Estratégia de enfrentamento para dificuldade	T.E. 01 – [...] aos poucos eu fui me adaptando ao ambiente, fui aprendendo muita coisa com eles, fui me abrindo mais, tanto para ouvir as dificuldades deles que aí quando comecei a ouvir a dificuldade deles eu comecei a lidar melhor, tanto comigo mesma quanto com eles , então hoje é muito tranquilo	Diálogo/ Relações de Trabalho	Relação interpessoal
	<p>T.E. 01 – [...] o tempo foi que foi me ajudando a lidar melhor com a situação [...]</p> <p>A.Q. 01 – [...] tem sim essas coisinhas que se você souber levar, se você tiver tato, jogo de cintura, você começa a mostrar quem você é e as pessoas começam a respeitar você como uma profissional [...]</p> <p>A.Q. 01 – [...] temos que nos impor diante todas as dificuldades.</p> <p>A.S.G. 02 – [...] assim agente trabalhando eu mesma me sinto um homem, no ambiente que eu fico com eles, com todos eles eu me sinto homem, e eles tem que se sentir uma mulher para mim né, por que na equipe que eu trabalho sempre nós conversa isso, e eu me dou bem com todos [...]</p> <p>R.H. 01- [...] aí você tem que primeiro conquistar o seu espaço, mostrar que você é profissional com suas atitudes, e se impor para poder ganhar respeito, então a maior dificuldade é no início, para você ganhar o respeito, depois disso tudo bem [...]</p> <p>T. E. 02 – [...] Principalmente na construção civil, se você dá respeito e tem respeito pelas pessoas você é respeitada também, claro que existem pessoas que as vezes fogem dos</p>	<p>Tempo</p> <p>Manejo</p> <p>Respeito</p>	Adaptação

	<p>limites, mas eu não diria que é algo por eu ser mulher, eu nunca sofri nenhuma abordagem por ser mulher, pelo contrário por eu ser mulher eu acho que eles tem mais cuidado do que com o líder homem [...]</p> <p>A.S.G. 04- Vai depender da mulher, vai depender dela. Não acho que tem dificuldade, vai o respeito da mulher.</p>		
	<p>T.E. 01 – [...] e eu não sei se a mudança foi neles, mas eu acredito que a mudança maior tenha sido em mim mesma.</p>	Mudança de comportamento	Auto- Avaliação
	<p>A.E. 01- [...] assim, é por que eu não passo o dia todo aqui e fico numa sala fechada, então não vejo dificuldades.</p>	Sem contato	Condições minimizadoras de dificuldades
	<p>A.Q. 01 – [...] então você passa por dificuldades p/ as pessoas entenderem que você é uma boa profissional, apesar de ser mulher. As dificuldades existem e elas precisam ser superadas.</p> <p>A.S.G. 06 – [...] cabe a cada uma por sem seu lugar e dar valor, vamos conversar, vamos falar, nos unir, ajudar, alguém sempre precisa de uma ajuda, mas com respeito né [...]</p>	<p>Reconhecimento das Dificuldades</p> <p>União de categoria</p>	Reconhecimento
	<p>T.E.02- [...] tive que entrar como estagiária, mostrar serviço, não por ser mulher. Mas que o mercado hoje meio que está complicado e tive que mostrar muito serviço.</p> <p>A.S.G. 06 – [...] aí quando alguém fala eu digo: eu não tô aqui para agradar ninguém, eu tô aqui para trabalhar [...]</p>	<p>Mostrar serviço</p> <p>Explicação</p>	Trabalho
	<p>A.S.G. 06 – [...] eu entrego nas mãos de Deus, por que ele sabe o que faz, eu não levo na maldade nem nada [...]</p>	Religião	Fé

Categoria Analítica	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Fontes de estresse no trabalho	T.E. 01 - As principais fontes são quando tem acúmulo de coisa [...]	Acúmulo de Tarefas	Acúmulo
	T.E. 01 - As principais fontes são quando [...]ou quando tem aquela pressão para você fazer determinado serviço, sabe uma coisa que não estava prevista na minha rotina e aquela semana eu tava toda planejadinha de coisas para fazer e de repente surge muitas outras coisas e tudo urgente, por que na construção civil é tudo urgente [...]quando existe esse tipo de pressão tem que fazer, tem que fazer , é agora, é agora, [...] você termina correndo o risco de deixar passar alguma coisa, deixa fazer alguma coisa errada e que isso é o pior! Termina deixando agente muito estressada. A.Q. 01 – [...] a principal fonte de estresse aqui, acho que é meu chefe, a pressão que agente toma aqui: faça isso pra hoje [...]	Urgência no serviço	Urgência
	T.E. 01 - [...] Você está fazendo uma coisa e de repente seu superior já te pede outra e você meio fica sem saber, meu Deus o que é que é prioridade e o que não é , então o que termina causando um pouquinho de estresse na gente, aliás pouquinho não, muito estresse mesmo [...]e depois surge outra coisa que é agora, é agora, você termina correndo o risco de deixar passar alguma coisa, deixa fazer alguma coisa errada e que isso é o pior! Termina deixando agente muito estressada. A.S.G. 02 – Por algo que as vezes você quer resolver e não pode, assim logo imediatamente, por que assim as vezes acontece de ter alguma dificuldade e você quer dar conta do serviço e resolver e as vezes não pode. T.E. 02 - [...] por mais que você faça uma programação do seu dia a dia, muda muito a todo instante. Então hoje você está trabalhando e pensou fazer 6 atividades, e geralmente a gente consegue fazer no máximo 4 atividades, por “n” situações, por imprevistos que a gente não consegue controlar, ter esse controle das atividades.	Imprevisibilidade no serviço	Imprevisibilidade
	T.E. 01 - [...] Ai isso meio que deixa	Receio de erros	Erros no serviço

	<p>agente meio louca e corre o risco de terminar fazendo nada certo, quando existe esse tipo de pressão tem que fazer, tem que fazer , é agora, é agora, e depois surge outra coisa que é agora, é agora, você termina correndo o risco de deixar passar alguma coisa, deixa fazer alguma coisa errada e que isso é o pior! Termina deixando agente muito estressada.</p> <p>A.S.E. 01 – [...]Quando o serviço está mal feito, eles não querem refazer, produção quando eles estão insatisfeitos eles querem parar de trabalhar, querem diminuir o ritmo [...]</p>	Serviços Mal executados	
	<p>A.Q. 01 – [...] meu chefe quando cobra alguma coisa quando é indevida, meu chefe é o meu limite de estresse [...]</p>	Tarefas indevidas	Improcedência
	<p>A. Q. 01 – [...] já aconteceu comigo muito eu me estressar aqui dentro por causa de diversas coisas: preconceito, machismo, prazos [...]</p>	Machismo	Preconceito
	<p>A.S.G. 01 – [...] quando a pessoa pega muito no meu pé dizendo: faça isso, faça aquilo aí eu fico estressada [...]</p> <p>R.H. 01- [...]o que mais gera estresse no ambiente de trabalho eu acho que são as pressões inerentes a sua própria função né? Você tem que mostrar os resultados [...]</p> <p>A.S.G. 03 – [...] a pressão [...]</p>	Pressão	Imposição
	<p>A.D.M. 01- [...] questão de fonte de estresse são as metas, agente trabalha com metas e aí temos prazos para serem cumpridos e não tem como tentar adiar. A meta é estabelecida para aquela data e temos que cumprir, a não flexibilidade também.</p> <p>A.S.E. 01- A produção é a fonte de estresse [...]</p> <p>A.S.G. 03 – [...] fica com medo de não conseguir fazer as atividades [...]</p>	<p>Inflexibilidade</p> <p>Produtividade</p> <p>Receio do não Cumprimento</p>	Metas

	<p>A.S.E. 01- [...] intriga entre eles também, ficam na competição para ver quem é o melhor, ficam apontando o dedo para o outro, acho que é isso.</p> <p>A.S.G. 03- [...] a mentira, a mentira me deixa muito estressada. Aqui tem muita conversinha, e isso me deixa irritada [...]</p> <p>A.S.G. 04- Por que tem pessoas que se acha melhor do que as outras, e aqui somos todos iguais e não é bem assim!</p>	<p>Competição</p> <p>Mentira, Fofocas</p> <p>Superioridade</p>	<p>Intrigas</p>
	<p>T. E. 02- [...] o que causa estresse é a grande demanda de serviço para a quantidade de pessoas. Eu sinto que agente não consegue fazer 100% algo, por causa da demanda [...]</p> <p>T. E. 02- [...] acaba levando um estresse, um cansaço, até por que a demanda da construção civil é muito corrida [...]</p>	<p>Alta demanda X Quantidade de Pessoas</p> <p>Rapidez</p>	<p>Demanda de Serviço</p>
	<p>A.S.G. 03- [...] acho que a rotina [...]</p> <p>A.S.G. 05 - As atividades mesmo do dia a dia.</p>	<p>Atividades Rotineiras</p>	<p>Rotina</p>
	<p>A.S.G. 06 – [...] tem muita gente que reclama muito do café, do almoço e vem me falar como se eu tivesse culpa, as vezes eu tenho que tomar alguma atitude, e vou lá na administração [...]</p>	<p>Reclamação</p>	<p>Contestação</p>
	<p>A.S.G. 07 – [...] as brincadeiras e as piadinhas aqui gera muito estresse [...]</p>	<p>Brincadeiras</p>	<p>Brincadeiras Inapropriadas</p>

Categoria Operacional	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Fontes de estresse no trabalho	<p>A. E. 01 – [...] o que eu faço é bem tranquilo, então, não vejo fonte de estresse aqui. Fico apenas 4 horas, passa rápido [...]</p>	<p>Ausência de Fontes de Estresse</p>	<p>Condições Favoráveis</p>
	<p>A. S. G. 03 – [...] a gente precisa controlar, no ambiente de trabalho a gente precisa se controlar, já pensou se você se vive só estressada, briguenta, você não fica trabalhando em lugar nenhum.</p>	<p>Controle</p>	<p>Auto Controle</p>
	<p>A.S.G. 06 – [...] para uma pessoa me tirar do sério aqui, ela precisa comer muito o meu juízo, tem que me tirar do sério, e é por isso que as pessoas falam comigo e eu nem ligo, deixo falar só e eu sei que quem vai sair ganhando é eu. Eu preciso do meu emprego, se eu for bater boca</p>		

	com aquela pessoa eu e ela vamos ser prejudicada [...]		
--	--	--	--

Categoria Analítica	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Atividades no trabalho e o estresse	T.E. 01 – [...] acúmulo de serviços e a pressão de que tudo é urgente e de que tudo é prioridade.	Acúmulo de Serviços	Acúmulo
	A.E. 01 – Nenhuma. A.S.G. 03 - Eu não tenho muita relação não, eu já tenho muito tempo trabalhando nesse ramo , tenho mais de 5 anos e já me adaptei ao trabalho [...] A.S.G. 04 - Nenhum. Por que não devemos confundir o trabalho com estresse. A.S.G. 06 - Não tem relação, eu gosto do que eu faço.	Ausência de relação	Encadeamento
	A.Q. 01 – [...] tem determinadas coisas que me deixam estressadas, pelo fato de não sair do jeito que eu quero, alguma coisa que eu faça , vamos supor alguma documentação que eu preparo e ai não saia da forma que eu quero [...]	Ausência de controle	Controle
	A.S.G. 01 – Esse negócio dos homens dá em cima, dá estresse.	Insistência	Assédio
	A.D.M. 01 - Hoje acho que seja o excesso de atividades. T.E. 02 – [...] a grande demanda de serviço e o tempo que a gente precisa executar, nós fazemos 44 horas semanais, 9 horas por dia, e não é suficiente para a gente executar nosso serviço 100%. E isso traz estresse muito grande, muito serviço.	Excesso de atividades	Carga
	A.S.G. 07 – Aquelas malditas argamassas, me deixa muito estressada. A gente passa o frizador e não sai e se reto com isso [...] A.S.G. 08 – O que me deixa irritada é umas massinhas que a gente tira que é dura, ow fia da peste pra deixar todo mundo estressada. O nome é argalimpe, ali estressa viu.	Atividades operacionais	Operacionalização

Categoria Operacional	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Atividades no trabalho e estresse	A.S.E. 01 – Então eu tento sempre respirar até 10 [...] A.S.G. 03 – [...] Temos que aprender a controlar, aprender a fazer as coisas com capacidade, com amor, mesmo escutando e vendo muita coisa errada [...]	Contexto Situacional	Auto Controle

	A.S.E. 01 – [...] converso com os meninos, quando eu estou estressada eu saio do ambiente e depois eu volto, por que se não perde a cabeça.	Entendimento	Diálogo
	R.H. 01- [...]Mas hoje eu tento muito, o estresse do trabalho ele ser do trabalho, ficar no trabalho, não confundir muito para que não haja tanta turbulência, por que se não agente não consegue fazer bem nenhuma coisa bem [...]	Separar as atividades	Gerenciamento

Categoria Analítica	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Preconceito por ser mulher trabalhadora da construção civil	<p>T.E. 01 – [...] homem que trabalha na construção civil, acha que nós mulheres da construção civil somos uma qualquer, não sei se é por que conviveram com mulheres assim, não sei, ou se é da cabeça deles mesmo.</p> <p>T.E. 01 – [...] então ele acha que agente é fácil, é uma qualquer, é uma mulher que qualquer um pode mexer, pode tirar ousadia, liberdade, acho que toda mulher da construção sofre isso.</p> <p>A.S.G. 01 – [...] por que para eles, toda mulher que trabalha na construção civil são safadas, acho que isso é preconceito, por que eles dizem que todas nós mulheres da construção bota gaia no marido, era safada [...]</p> <p>A.S.G. 03 – [...] a gente sofre, na verdade acho que isso é um preconceito, por que muitos pensam aqui por que nós somos serventes, não temos valor, eles não valorizam [...]</p> <p>A.S.G. 06 – Já escutei que mulher que trabalha em obra não é valorizada por que tem muito homem e principalmente as mulher que trabalha em obra pode colocar gaia no marido, escuta mais isso [...]</p>	Mulher Fácil	Biscate
	<p>T.E. 01 – [...] então você ouve muito: gostosa! Vou te pegar! [...]</p> <p>A.E. 01 – [...] já aconteceu de eu ter que ir na obra, no campo e os caras ficarem mexendo, querendo chamar minha atenção. Tiveram alguns que já falaram, já mexeram [...]</p> <p>A.S.G. 01 – [...] eu tenho mulher em casa e mulher minha não trabalha em construção civil não [...]</p>	<p>Comentários Ofensivos</p> <p>Atitudes</p>	Conduta
	<p>A.Q. 01 – [...] nunca ninguém demonstrou preconceito, nunca percebi que alguém teve preconceito comigo sobre alguma coisa.</p> <p>A.S.G. 02 – [...] preconceito existe né, só que eu não tive nenhum problema para trabalhar na construção civil não [...]</p> <p>A.S.E. 01 – [...] até hoje nunca sofri nenhum</p>	Ausência de Preconceito	Prejulgamento

	<p>preconceito não.</p> <p>T. E. 02- [...] eu não sinto que tenha vivido isso.</p> <p>A.S.G. 04 -Não acho nenhum.</p> <p>A.S.G. 07 – Até agora aqui nenhum, aqui todo mundo diz que nós somos guerreiras [...]</p> <p>A.S.G. 04 – Não acho que tem preconceito. Acho que é um elogio para as mulher.</p>	Elogio	
	<p>A.S.G. 03 – [...] uma pessoa que muitas vezes, olha pra gente e não enxerga a competência que a gente tem, não enxerga que somos iguais, e por ter muitas vezes um nível superior ao nosso, ai a gente sofre esse tipo de preconceito.</p>	Falta de Oportunidade por ser mulher	Gênero

Categoria Operacional	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
<p>Preconceito por ser mulher trabalhador a da construção civil</p>	<p>A.Q. 01 – [...] ela consegue assim no momento de estresse, de repente ela consegue agir de uma forma melhor do que o homem. O homem já parte mais para ignorância, para briga, discussão, e a mulher de repente por ser mais feminina, consegue levar uma situação de estresse numa forma melhor, eu acho que essa é a grande diferença.</p> <p>A.D.M. 01 – [...] então não existe, as atividades que o homem vai ter que fazer, a mulher tem que fazer também. No meu cargo não tem diferença, mas se fosse na parte operacional sim, tem algumas atividades que agente pede que a mulher não faça o que o homem faz, questões de peso, é diferente.</p>	Contexto Situacional	Circunstância Feminina

Categoria Analítica	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
<p>Diferenças entre homens e mulheres na construção civil</p>	<p>T.E. 01 – A mulher é sempre muito mais aberta, a ouvir se for ser chamada atenção a mulher é mais aberta para ouvir e baixar a cabeça se estiver errada, e se não estiver errada a mulher sabe argumentar melhor, sabe conversar [...]</p> <p>T.E. 01 – [...]Já o homem não sabe, o homem da construção civil ele não sabe,</p>	Argumentação	Diálogo

	<p>ele tem aquela coisa bruta, ah! Só eu sei, só eu posso, eu não estou errado é você que está. A mulher é muito mais aberta ao diálogo.</p>		
	<p>A.E. 01 – [...] os homens são mais respeitados aqui.</p>	Estima	Respeito
	<p>A.Q. 01 – [...] eu acho que a mulher é muito mais atenciosa, do que o homem, muito mais cuidadosa, mais detalhista. Ela vai nos detalhes da situação [...]</p>	Mais cuidado	Detalhe
	<p>A.S.G. 01 – Olhe o que a mulher na construção civil não pode muito fazer é trabalhar como pedreira, pegar muito no pesado, pegar na pá e eu acho que isso não é muito para mulher na construção civil, pegar na pá, numa enxada, as outras coisas tudo bem agente varre , agora pegar numa pá, numa enxada eu não faço não, eu acho muito pesado.</p> <p>A.S.G. 02 – [...] a mulher fica com o serviço mais leve e o homem com o serviço mais pesado.</p> <p>A.D.M. 01 – Então a questão operacional, no operacional existe diferença, peso, locais que só existem homem se a mulher tiver que fazer uma limpeza a mulher não vai.</p> <p>A.S.E. 01 – Então, por que na construção civil tem muito trabalho braçal independente do setor, então assim, o homem tem mais força, naturalmente, então eu acho que essa é a maior diferença aqui entre o homem e a mulher. E acho que é isso que a mulher se torna mais fraca na construção civil, por ter serviços que ela não consegue executar como o homem.</p> <p>T. E. 02 - Eu creio que a diferença é a capacidade física mesmo, de que o físico do homem, suporta mais do que o físico da mulher, mas em relação ao mental eu não vejo diferença e os dois tem a mesma capacidade.</p> <p>A.S.G. 04 – O homem é mais do que a mulher, ele pega peso né? E nós não pode!</p> <p>A.S.G. 08 – Os homens trabalha mais no pesado né? A gente é mais leve.</p>	Preparo Físico	Operacionalização
	<p>R.H. 01- Comportamental, educação. A comportamental é a mais gritante é a maior diferença entre os dois.</p>	Civildade	Comportamento
	<p>A.S.G. 03- Os homens tem sempre mais oportunidades do que as mulheres, as mulheres são menos vista, e mais recuadas, não tem muitas oportunidades.</p>	Adequação	Oportunidades

	<p>A.S.G. 07- Em termos de prazo, como é a dinheiro ele tem sempre mais e a gente tem menos como produção vamos supor a gente pede um prazo e eles nunca aumenta. Já o homem quando pede eles dão, e quando a gente vai conversar não tem isso. É o tanto e o que botar acabou e pronto [...]</p>	Prazos	
--	--	--------	--

Categoria Operacional	Unidades de contexto	Sub-categoria	Tema
Diferenças entre homens e mulheres na construção civil	T.E. 01 – [...] você não vai se doer por que não pode dar ousadia, por que ele não falou no comentário o teu nome! Mas agente sabe que é com agente! [...]	Resistência	Estratégia de Enfrentamento

ARTIGO SUBMETIDO
REVISTA PSICOLOGIA EM ESTUDO
QUALIS A1

SAÚDE GERAL E ESTRESSE EM MULHERES TRABALHADORAS NO RAMO DA
CONSTRUÇÃO CIVIL
GENERAL HEALTH AND STRESS IN WOMEN WORKING IN THE BRANCH OF
CIVIL CONSTRUCTION

SALUD GENERAL Y ESTRÉS EN MUJERES TRABAJADORAS EN EL RAMO DE LA
CONSTRUCCIÓN CIVIL

SAÚDE, ESTRESSE, MULHERES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

HEALTH, STRESS, CIVIL CONSTRUCTION WOMEN

SALUD, ESTRÉS, MUJERES DE LA CONSTRUCCIÓN CIVIL

RESUMO

Observa-se que as condições de vida, saúde e trabalho têm mudado de maneira contínua e sustentada na maioria dos países no último século, devido aos progressos do desenvolvimento econômico e social. A saúde envolve não somente o perfeito bem estar físico, mental e social do indivíduo, mas também o seu estilo de vida e trabalho. As mudanças ocorridas no mundo do trabalho têm contribuído para o aparecimento do estresse. O estresse tem sido um indicador importante e determinante para uma boa qualidade de vida fica evidente a relevância da análise entre os índices de saúde geral e de estresse nas mulheres trabalhadoras. Atualmente, fica evidente a participação das mulheres em locais tradicionalmente ocupados por homens como a construção civil. Diante deste cenário, o objetivo do estudo foi identificar os índices de estresse e de saúde geral entre mulheres trabalhadoras em obras de construção civil da grande Aracaju-SE. A pesquisa foi do tipo métodos mistos, de campo, sendo realizada coleta de dados, nas quais, as mulheres trabalhadoras no ramo da construção civil de obras pré-selecionadas responderam o questionário sociodemográfico, questionário de saúde geral (QSG-12), escala de estresse percebido (PSS), inventário de sintomas de stress para adultos de

Lipp (ISSL) e um roteiro de entrevista semi-estrurada a fim de evidenciar dados referentes a relação entre saúde e estresse no âmbito ocupacional. Para análise estatística dos dados foram utilizados o teste Exato de Fisher (associações entre variáveis categóricas), as diferenças de média foram avaliadas por meio da Análise de Variância (ANOVA) e a correlação de Spearman (variáveis contínuas, discretas e ordinais). O nível de significância adotado foi de 5% e o software utilizado foi o R Core Team 2017. Para análise dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo. Participaram do estudo 57 mulheres trabalhadoras de oito empresas de construção civil. A idade média das participantes foi de 32 anos com carga horária de trabalho semanal de 42 horas. A maioria (96,5%) considerou-se saudável e habitavam em imóvel próprio (71,9%). O estresse revelou-se positivo em 64,9% e 89,1% encontravam-se na fase de resistência. Os resultados qualitativos identificaram que a inserção da mulher no mercado de trabalho no segmento de construção civil, culturalmente destinado aos homens, traz consigo pontos importantes, tais como: o estresse e dificuldades vivenciadas pelas mulheres que trabalham diretamente no canteiro de obras, preconceito, machismo e assédio. Nesta pesquisa, foi possível traçar o perfil sociodemográfico, conhecer características de trabalho, assim como identificar os níveis de estresse e constatar a sua relação com a saúde geral. Logo então, considera-se importante o desenvolvimento de estudos que ajudem a compreensão dessas novas mudanças e configurações femininas entendendo a relação do estresse com a saúde.

Palavras-chave: Estresse; Saúde Geral; Gênero.

ABSTRACT

It is observed that living conditions, health and work have changed continuously and sustained in most countries in the last century, due to the progress of economic and social development. Health involves not only the individual's perfect physical, mental and social well-being, but also their lifestyle and work. Changes in the world of work have contributed

to the onset of stress. Stress has been as an important and determinant indicator for a good quality of life makes evident the relevance of the analysis between the indexes of general health and stress in working women. At present, the participation of women in places traditionally occupied by men such as civil construction is evident. In view of this scenario, the objective of the study was to identify the stress and general health indexes among working women in civil construction works in the greater Aracaju-SE. The research was a mixed-field method, where data collection was performed, in which women workers in the construction industry of pre-selected works answered the sociodemographic questionnaire, general health questionnaire (QSG-12), perceived stress (PSS), an inventory of stress symptoms for adults of Lipp (ISSL) and a semi-structured interview script in order to evidence data on the relationship between health and stress in the occupational field. For the statistical analysis of the data, the Fisher Exact test (associations between categorical variables) was used. The mean differences were evaluated using the Analysis of Variance (ANOVA) and Spearman correlation (continuous, discrete and ordinal variables). The significance level adopted was 5% and the software used was the R Core Team 207. Content analysis was used to analyze the qualitative data. 57 women workers from eight construction companies participated in the study. The mean age of participants was 32 years with a weekly workload of 42 hours. The majority (96.5%) considered themselves healthy and lived in their own property (71.9%). The stress was positive in 64.9% and 89.1% were in the resistance phase. The qualitative results identified that the insertion of women into the labor market in the civil construction segment, culturally destined to men, brings with it important points such as: stress and difficulties experienced by women who work directly on the construction site, prejudice, machismo and harassment. In this research, it was possible to trace the sociodemographic profile, to know the work characteristics, as well as to identify the stress levels and to verify their relation with the general health. Therefore, it is considered important to develop studies that help the

understanding of these new changes and female configurations, understanding the relationship between stress and health.

Key-words: Stress; General health; Genre

RESUMEN

Se observa que las condiciones de vida, salud y trabajo han cambiado de manera continua y sostenida en la mayoría de los países en el último siglo, debido a los progresos del desarrollo económico y social. La salud involucra no sólo el perfecto bienestar físico, mental y social del individuo, sino también su estilo de vida y trabajo. Los cambios ocurridos en el mundo del trabajo han contribuido a la aparición del estrés. El estrés ha sido un indicador importante y determinante para una buena calidad de vida, es evidente la relevancia del análisis entre los índices de salud general y de estrés en las mujeres trabajadoras. Actualmente, es evidente la participación de las mujeres en lugares tradicionalmente ocupados por hombres como la construcción civil. Ante este escenario, el objetivo del estudio fue identificar los índices de estrés y de salud general entre mujeres trabajadoras en obras de construcción civil de la gran Aracaju-SE. La investigación fue del tipo métodos mixtos, de campo, siendo realizada recolección de datos, en las cuales, las mujeres trabajadoras en el ramo de la construcción civil de obras preseleccionadas respondieron el cuestionario sociodemográfico, cuestionario de salud general (QSG-12) el estrés percibido (PSS), el inventario de los síntomas de estrés para los adultos de Lipp (ISSL) y un guión de entrevista semi-estructurada a fin de evidenciar datos referentes a la relación entre salud y estrés en el ámbito ocupacional. Para el análisis estadístico de los datos se utilizó la prueba Exacto de Fisher (asociaciones entre variables categóricas), las diferencias de promedio fueron evaluadas por medio del Análisis de Varianza (ANOVA) y la correlación de Spearman (variables continuas, discretas y ordinarias). El nivel de significancia adoptado fue del 5% y el software utilizado fue el R Core Team 2017. Para el análisis de los datos cualitativos se utilizó el análisis de contenido. Participaron del estudio 57

mujeres trabajadoras de ocho empresas de construcción civil. La edad media de las participantes fue de 32 años con carga horaria de trabajo semanal de 42 horas. La mayoría (96,5%) se consideró sana y habitaba en inmueble propio (71,9%). El estrés se mostró positivo en el 64,9% y el 89,1% se encontraba en la fase de resistencia. Los resultados cualitativos identificaron que la inserción de la mujer en el mercado de trabajo en el segmento de construcción civil, culturalmente destinado a los hombres, trae consigo puntos importantes, tales como: el estrés y dificultades vivenciadas por las mujeres que trabajan directamente en el sitio de obras, prejuicio, machismo y el acoso. En esta investigación, fue posible trazar el perfil sociodemográfico, conocer características de trabajo, así como identificar los niveles de estrés y constatar su relación con la salud general. Por lo tanto, se considera importante el desarrollo de estudios que ayuden a comprender estos nuevos cambios y configuraciones femeninas entendiendo la relación del estrés con la salud.

Palabras-Clave: El estrés; Salud general; Género

INTRODUÇÃO

Atualmente se questiona o significado da saúde e suas repercussões, não limitando o conceito de saúde definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como a situação de perfeito bem estar físico, social e mental. Tal conceito mostra uma visão utópica, irreal, ultrapassada e unilateral, uma vez que questões relacionadas à saúde modificarão mediante o contexto histórico, cultural, pessoal, social, filosófico e científico (NORDENFELT, 2017).

Fica evidente que existem fatores individuais, ambientais, sociais, econômicos e culturais que se relacionam com a saúde do ser humano e a sociedade. A saúde é o processo onde o corpo, mente, ecossistema e ambiente se relacionam em harmonia. O desequilíbrio no estado destes componentes em geral no indivíduo faz com que o sujeito não denote o perfeito bem estar,

propiciando o aparecimento do estresse, e que este traz consequências negativas para a saúde mental do ser humano (SCHÖNFELD *et al.*, 2016).

O estresse é um dos possíveis causadores de diversas doenças, quando muito intenso ou frequente pode propiciar o adoecimento nos indivíduos, causando alterações no organismo. Pesquisadores tentam apontar esta relação do estresse e o adoecimento em geral, neste sentido, os estudos voltados para a saúde do trabalhador no âmbito ocupacional, inclui o estresse como um dos principais fatores que levam o sujeito ao adoecimento (UMANN *et al.*, 2014).

O termo estresse, apesar de ser bastante utilizado desde o seu surgimento nas pesquisas, não é um conceito muito unificado, uma vez que passou por modificações em diversas áreas de conhecimento. Neste sentido, existem trabalhos que elucidam o desenvolvimento conceitual do estresse a partir das variadas abordagens e perspectivas teóricas e históricas que objetivam fomentar evidências acerca do fenômeno estresse (FARO, PEREIRA, 2013; COHEN *et al.*, 2016).

O estresse foi definido por Hans Selye como sendo a reação inespecífica do organismo diante de qualquer demanda (seja ela positiva ou negativa) que altere o estado de equilíbrio do sujeito, a estas reações o pai do estresse denominou como sendo a Síndrome de Adaptação Geral, contendo três fases diferenciadas e identificadas como: fase de alarme ou alerta, resistência e exaustão (SOUZA *et al.*, 2015).

A primeira fase descrita por Selye (1946) denominou-se alarme e ocorre a ruptura do equilíbrio interno do organismo, sendo a soma de todos os fenômenos sistêmicos não específicos provocados pela exposição repentina aos estímulos dos quais não possuem

adaptação. A resposta rápida é mediada pela ativação do Sistema Nervoso Autônomo Simpático (SNAs) que requer a liberação de neurotransmissores em diversos órgãos-alvo.

A fase seguinte denominada de resistência ocorre quando o corpo adapta-se ao estressor ou fonte estressora, e, continua resistindo com um elevado nível de excitação fisiológica. O organismo tende a ajustar-se com a situação que se encontra, com o intuito de se recuperar do desequilíbrio sofrido na fase anterior. Toda essa mobilização de energia gasta traz consequências como cansaço excessivo, sensações de desgaste, lapsos de memória e etc. (SELYE, 1965).

A última fase descrita por Selye (1946) ficou conhecida como exaustão que se caracteriza pela soma de todas as reações não específicas resultantes da perda de adaptação diante dos estímulos estressores. Ocorre a presença de alterações fisiológicas e comportamentais que poderão resultar em danos nos diversos sistemas como digestivo, imunológico, cardiovascular, respiratório, nervoso e etc. (ROM, REZNICK, 2015).

Lipp (2000) identificou outra fase do estresse em seu Inventário de Sintomas do Stress para adultos e denominou de quase-exaustão. Esta nova fase encontra-se entre a fase de resistência e a de exaustão, no qual o organismo apresenta-se fraco não conseguindo adaptação diante do estressor. Nesta fase, observa-se que as resistências psicológicas e físicas ficam comprometidas, assim como também o sistema imunológico que propicia o aparecimento de doenças, porém não tão graves como na fase de exaustão.

Os locais profissionais para a atuação da mulher vêm crescendo gradativamente e a inserção desta na indústria de construção civil provoca indagações nos padrões culturais e nas

representações sociais. A crescente demanda feminina no ramo da construção civil torna-se uma excelente oportunidade para o ingresso de mulheres neste mercado de trabalho, no entanto, a cultura marcada pela masculinidade, acarreta ambientes estressantes com discriminações de gênero (CATTEL *et al.*, 2016).

A construção civil constitui-se um setor produtivo importante no cenário econômico brasileiro, e considera-se com isto, que este ramo é um dos maiores geradores de empregos diretos e indiretos. Sendo assim, inserção das mulheres nestes locais de trabalho, apresentou alterações na evolução da participação feminina, observando que as mulheres conseguiram pouco a pouco aumentar o número de ocupações neste ramo (AMARO *et al.*, 2016).

As obras de construção civil, por exemplo, são ambientes de trabalho com predominância de mão de obra masculina. A participação das mulheres nestes locais traz desafios a serem superados. Pesquisas têm apontado fatores que influenciam o desenvolvimento profissional das mulheres que trabalham na construção civil, dificuldades relacionadas à saúde, equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, discriminação salarial, segurança no trabalho, assédio (DEVI; KIRAN, 2013).

A presença de estresse nas trabalhadoras do setor da construção civil está cada vez mais marcante devido a crescente demanda por mais produtividade com desafios para atingir metas de tempo, qualidade e custo. O estresse afeta diretamente a saúde do trabalhador e com isso, impacta no desempenho e produtividade, assim como também, traz prejuízos na motivação, nas relações interpessoais e na satisfação com o trabalho (SILVA, *et al.*, 2017).

Sendo assim, faz-se necessário superar as dificuldades existentes para o processo de mais inclusão e permanência das mulheres no cenário trabalhista. Com isso, o estudo buscou revelar os índices de estresse correlacionados com as questões femininas, a partir da descrição das dificuldades apresentadas pelas mulheres nos seus locais de trabalho. A pesquisa objetivou elucidar como o índice de saúde geral se relaciona com o índice de estresse em mulheres trabalhadoras em obras de construção civil, analisando a relação do estresse com os transtornos de ansiedade e de depressão leves e o fator auto-eficácia que, apesar de bastante discutido na literatura, pouco se tem investigado a interface com o os índices de estresse e relações de gênero em obras de construção civil.

MÉTODO

Delineamento da Pesquisa

A presente pesquisa foi do tipo métodos mistos, descritiva, transversal e de campo que visou determinar informações sobre a relação do índice de estresse com o perfil de saúde geral em mulheres trabalhadoras do ramo da construção civil no município de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasi, no período de Abril a Setembro de 2017. As empresas foram pré-selecionadas de acordo com o cadastro destas no Sindicato da Indústria da Construção Civil de Sergipe (SINDUSCON). No total, 49 empresas da cidade de Aracaju-SE estão associadas a este sindicato. Segundo dados do Sinduscon (2017) estima-se uma média de duas mulheres trabalhadoras para cada empresa, desta forma aproximadamente 98 mulheres estariam trabalhando na indústria da construção civil na cidade de Aracaju. Através dos dados estimados da população alvo, foi calculada a

amostra seguindo os seguintes critérios: frequência estimada de 50%, erro absoluto de 5% e o nível de confiança de 95%, obtendo uma amostra mínima de 57 mulheres.

Instrumentos

Utilizou-se o questionário sociodemográfico que foi abordado o perfil da amostra, contendo variáveis como: estado civil, cor da pele (raça), escolaridade, religião, profissão, autopercepção de saúde, moradia, carga horária de trabalho, meio de transporte e atividade física, que são variáveis que podem interferir nos níveis de estresse.

Foi utilizada a Escala de Estresse Percebido (*Perceived Stress Scale*, PSS): A escala foi validada para língua portuguesa constando de 14 questões que versam sobre os sentimentos e pensamentos durante o último mês, tendo opções de resposta que variarão de 0 a 4, onde o 0=nunca e o 4=sempre; as questões com conotação positiva terão sua pontuação somada e invertida (0 = 4, 1 = 3, e assim por diante), as questões negativas são somadas diretamente. A soma da pontuação das 14 questões resulta no valor total da escala que pode variar de 0 a 56. Objetivo da escala é medir o estresse percebido em diversas situações tidas como estressantes, a validação da escala foi procedida por Luft *et al.* (2007).

O questionário de Saúde Geral (QSG-12) foi utilizado e corresponde a uma versão resumida adaptada por Pasquali (1994) *apud* Gouveia *et al.* (2003), contendo 12 itens. Essas questões contidas no QSG-12 visam saber como o indivíduo está se sentindo medindo o seu bem estar psicológico com o intuito de identificar doenças psiquiátricas não severas. O QSG-12 é uma ferramenta válida para avaliações rápidas de desconfortos psicológicos e bem estar subjetivo

(GOUVEIA *et al.*, 2012). As respostas são dadas em uma escala de 4 pontos, na qual varia de 1 (absolutamente não) a 4 (muito mais do que de costume).

O Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL) é um instrumento aprovado pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI) que permite identificar se a pessoa tem estresse, em que fase está (alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão) e a prevalência dos sintomas (físicos e/ou psicológicos). O instrumento é composto por 53 sintomas (34 físicos e 19 psicológicos) divididos em três partes que identificam as fases do estresse (LIPP, 2014).

No primeiro quadro aborda-se os sintomas vivenciados nas últimas 24 horas, sendo três psicológicos e doze físicos, que correspondem à fase alerta do estresse. O segundo quadro apresenta os sintomas experimentados na última semana, neste quadro há uma divisão nas fases do estresse (porcentagens até 50 indicam que o indivíduo está na fase de resistência, caso as porcentagens ultrapassem 50 ocorre a indicação para a fase de quase-exaustão). Por último, no terceiro quadro os sintomas experimentados durante o último mês, diz respeito à fase de exaustão.

E por fim, foi aplicado o roteiro de entrevista semi-estruturado para as participantes que abordou questões referentes as dificuldades encontradas no ambiente de trabalho, relações entre mulheres na construção civil, trabalho e estresse, desafios da mulher trabalhadora, dentre outras. Todas as entrevistas foram gravadas e realizadas de modo individual.

Aspectos Éticos

O projeto foi aprovado com o parecer nº 1.989.200 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Tiradentes. O anonimato das empresas bem como das participantes foi garantido, assim como, tiveram a liberdade de retirar seu consentimento de participação a qualquer momento. A pesquisa teve início mediante permissão das empresas no qual foram realizadas as coletas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. O estudo visou seguir as diretrizes propostas pela Resolução nº 466/12 de doze de dezembro de dois mil e doze (12/12/2012) do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas para a pesquisa com seres humanos no Brasil.

Análise dos dados

Para a análise quantitativa os dados foram descritos por meio de frequência simples e percentuais quando categóricas ou média e desvio padrão quando contínua, ordinal ou discreta. As associações entre variáveis categóricas foram avaliadas pelo teste Exato de Fisher e as diferenças de média foram avaliadas por meio de Análise de Variância (ANOVA). As correlações entre variáveis contínuas, discretas ou ordinais foram avaliadas através da correlação de Spearman. O nível de significância adotado foi de 5% e o software utilizado foi o R Core Team 2017.

No QSG-12 foram extraídas as médias referentes aos fatores depressão (1, 4, 7, 8 e 12), ansiedade (2, 5 e 9) e auto-eficácia (3, 6, 10 e 11). Para a obtenção da média foram invertidos os valores dos itens com conotação negativa (ex. o que for 4, virará 1).

O resultado da PSS foi extraído a partir da média da pontuação obtida pelos indivíduos, utilizando-se como ponto de corte do valor de 22 pontos para detecção do estresse. Os itens

com conotação positiva (4, 5, 6, 7, 9, 10 e 13), tem sua pontuação somada invertida representados desta maneira: 0=4; 1=3; 2=2, 3=1, 4=0. Para os demais itens que são com conotações negativas a soma foi realizada de forma direta (LUFT *et al.*, 2007).

A avaliação do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de LIPP (ISSL) foi realizada por meio de tabelas padronizadas específicas do instrumento que transformam os dados brutos em porcentagens, apresentando a incidência de estresse, a fase em que se encontra e a predominância de sintomas (físicos e psicológicos).

Para melhor compreensão da análise qualitativa dos dados, foi realizada a categorização das 57 entrevistadas, sendo que os nomes reais foram substituídos por siglas e números sendo garantido o total sigilo.

Para análise qualitativa da relação do estresse com as questões subjetivas de gênero e dificuldades no ambiente de trabalho, foram analisadas as respostas do roteiro de entrevista semi-estruturado através da análise de conteúdo de Bardin (2011). O processo de transcrição do áudio das 57 entrevistas foi integral e inteiramente realizado pela pesquisadora, permitindo desta forma, uma maior precisão do que concerne à recordação da informação coletada.

Vale ressaltar que todos os áudios foram transcritos de maneira literal garantindo maiores precisões das informações adquiridas. Na transcrição foi preservada a expressão oral de cada participante, as pausas, assim como a linguagem não verbal, sendo tomada algumas notas que foram incluídas nas análises. A extensão das transcrições das entrevistas gravadas, converteu-se em 83 páginas de material para análise e reflexão.

O conteúdo coletado passou por três etapas: Etapa I – foi à fase inicial, na qual foi feita a pré-análise: o material foi organizado, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas de modo literal, formulando-se hipóteses e indicadores que nortearam a interpretação, sendo adotado alguns critérios (exaustividade do conteúdo, representatividade, pertinência, homogeneidade e exclusividade). Na etapa II – Foi feita a exploração do material, estudando o conteúdo, significado, adotando os critérios de categorização, subcategorias e temas, analisando as formas de pensamento com a realidade, permitindo a junção do número significativo de informações organizadas.

Por fim, na etapa III - o tratamento dos resultados foi feito com a compreensão detalhada do conteúdo, analisando as relações existentes entre o conteúdo do discurso com o referencial teórico, embasando às análises dando sentido à interpretação.

RESULTADOS

A coleta de dados foi realizada durante os meses de Abril e Setembro de 2017. Participaram do estudo 57 mulheres trabalhadoras de oito empresas da construção civil. Nesta pesquisa, foram estudadas mulheres que trabalhavam em obras de construção civil nas cidades de Aracaju, Nossa Senhora do Socorro e São Cristóvão, no estado de Sergipe, região Nordeste do Brasil. A maioria (96,5%) considerou-se saudável, habitava em imóvel próprio (71,9%) e não trabalhava em outro local fora da obra (87,7%). As mulheres utilizavam o transporte público (63,2%) e carro próprio/familiar (26,3%) como principal meio de locomoção para ida ao trabalho e 28,1% necessitavam de mais de 60 minutos para finalizar o trajeto.

Das 57 participantes da pesquisa 52,6% exerciam o cargo de auxiliar de serviços gerais (estas realizavam várias atividades, tais como: limpeza em geral, executavam tarefas manuais de

rejunte, auxiliavam nos serviços da cozinha, carregavam e descarregavam materiais, contribuíaam nas atividades de pedreiro e encanador, verificavam máquinas e equipamentos), 12,2% eram técnicas em edificações e 8,7% engenheiras civis, e tiveram outros cargos tais como: técnica em segurança no trabalho, arquiteta, estagiária de engenharia civil, auxiliar de escritório, fiscal de obras, assistente de engenharia e recursos humanos.

Na distribuição da faixa etária, a idade média das participantes foi 32,0 anos (DP= 8,52) e a carga horária de trabalho foi de 42,1 horas semanais (DP= 5,91). A pontuação média de estresse das mulheres foi 23,8 (DP=8,36), no que se refere à saúde geral a pontuação média foi 65,1 (DP=18,0).

Com referência as correlações encontradas com a escala de estresse percebido identificou-se que houve associação significativa entre a saúde geral. Verificando desta forma, que o estresse correlacionou-se negativamente com a saúde geral, mostrando a existência de uma relação inversamente proporcional. Pontuando sobre a saúde geral há uma indicação de que quanto maior o nível de estresse, menor pontuação em saúde geral e seus fatores (Tabela 1).

Toussaint *et al.* (2016) identificaram uma forte associação entre o estresse e saúde ao estudarem 148 jovens expostos ao estresse, apresentando consequências na saúde física e mental. Indicaram que tanto o estresse como os fatores estressores tinham relações inversas com sintomas de saúde, assim como também apresentaram a tolerância como sendo o enfrentamento ideal para trazer benefícios para a saúde.

Conforme cita Mariotti (2015) as reações no corpo diante do estresse causam alterações físicas (objetivas) e psicológicas (subjetivas) permitindo o aparecimento de diversas doenças.

A autora enfatiza que a maneira como a pessoa reage diante da situação estressora pode definir a capacidade adaptativa, sendo importante analisar os mecanismos moleculares de ação dos principais hormônios do estresse, uma vez que agem em todo o corpo afetando os diversos sistemas do nosso organismo.

Ao identificar as diferenças de médias com as variáveis sociodemográficas e estresse percebido, foi observado que a autopercepção de saúde foi a variável que obteve resultado significativo ($p= 0,035$) demonstrando que a média das mulheres que consideravam-se doentes é maior com relação ao estresse percebido do que às que percebiam-se saudáveis. Sobre isso, Reichert *et al.* (2012) puderam observar que as dimensões biológicas, psicológicas e sociais estão integradas para a autopercepção de saúde e que são subjetivas, reforçando a importância de observar os determinantes sociais e econômicos como aspectos importantes na influência da determinação da saúde e assim as possíveis propensões ao surgimento de doenças.

A partir do Inventário de Sintomas de Stress de Lipp (ISSL), foi identificado que o estresse revelou-se positivo em 37 (64,91%) mulheres trabalhadoras na indústria da construção civil. Kamardeen e Sunindijo (2017) estudaram o estresse no ramo da construção civil e consideraram que as características do trabalho estão relacionadas com as doenças psicológicas. As pesquisadoras apontaram também que a indústria da construção civil por ter uma cultura com predominância masculina deveria criar programas de suporte necessários para os profissionais em risco, garantindo a diversidade de gênero.

Houve predominância de sintomas de estresse na fase de resistência (89,18%), 8,10% das mulheres encontravam-se na fase de quase-exaustão, enquanto apenas 2,70% apresentaram

seus sintomas na fase de alerta. Com referência ao tipo de sintomas, observou-se uma predominância de estresse com sintomas psicológicos (51,35%), quando comparado aos 37,83% de sintomas físicos e 10,81% das mulheres apresentando sintomas mistos (físicos e psicológicos). Tendo sido a fase de resistência a de maior prevalência, foram avaliados quais os sintomas significativos desta fase que foram citados com maior frequência pelas mulheres. Os sintomas mais gerais foram: mudança de apetite (78,78%), pensar constantemente em um só assunto (75,76%), sensação de desgaste físico constante (69,68%), seguido de cansaço constante (69,69%), irritabilidade excessiva (63,63%) e sensibilidade emotiva excessiva (60,60%).

Ao comparar as médias das mulheres nas fases do estresse com o questionário de saúde geral observou-se que houve significância nos resultados das mulheres que não estavam na fase de resistência, sendo que as mulheres que possuíam a crença de auto eficácia ($p=0,005$), pontuaram maiores médias juntamente com a saúde geral ($p=0,009$) (Tabela 2).

Observa-se que na pesquisa de Rosa *et al.* (2017) ao investigarem o desenvolvimento da carreira de mulheres trabalhadoras da construção civil, relataram que a confiança e autoeficácia são traços da personalidade que conduzem o sucesso das mulheres através de suas carreiras no trabalho. A pesquisa identificou também, que as mulheres que trabalham na construção civil enfrentam diversos desafios, sendo o estresse um deles.

As entrevistadas destacaram as dificuldades através de suas falas, e desta forma, serão apresentadas algumas transcritas de modo literal. Com referência à temática gênero os dados analisados identificaram diversas dificuldades. A primeira subcategoria refere-se o fato de ser mulher:

No início de tudo a dificuldade era o ser mulher por que infelizmente ainda rola um preconceito [...] (E1).

[...] quando você trabalha em obra literalmente, campo, é muito complicado, por que assim, é mulher, 90% são homens e aí sempre tem aquela coisa de não respeitar por que é mulher, ou então tirar uma gracinha por que é mulher [...] (E3).

[...] numa profissão que é predominantemente masculina, pelo menos há 14 anos atrás eram muitos mais homens . Começaram a entrada da mulher atualmente, quando eu comecei era mais homens. Então você passa por dificuldades p/ as pessoas entenderem que você é uma boa profissional, apesar de ser mulher [...] (E3).

[...] minha filha só o fato de você ser mulher já é a dificuldade, a mulher sofre em tudo e a maneira para explicar o preconceito da área. Numa vaga é mais fácil de conseguir uma vaga homem, por ser homem fica e nós só quando vê uma mulher já não querem nem muitas vezes nos ouvir e ver se temos ou não experiência e isso é muito ruim (Muito emocionada, com choro em seguida) (E40).

[...] eu acho diferenciado o tratamento entre homens e mulheres, as solicitações para mulheres, eu acho que existem mais solicitações para mulheres do que para os homens pessoas do mesmo cargo acredito que nós mulheres executamos serviços a mais por ser mulher [...] (E6).

[...] por agente ser mulher colocam mais serviços, eu acho. (E9).

[...] a maior dificuldade é o preconceito por ser mulher como tem bastante homem eles acreditam que não somos capazes de executar bem o serviço, só o fato de ser mulher já implicam com agente, foi mulher, não presta sempre eles pensam assim, e muitas vezes não só pensam eles demonstram que a mulher não tem valor e eu já escutei o maior erro sabe o qual é? É você ser mulher! (E29).

Após fazerem a análise das experiências de mulheres que trabalhavam em ocupações com predominância masculina, Martin e Barnard (2013) identificaram que as maiores dificuldades das mulheres eram as práticas organizacionais encobertas por discriminação de gênero. Neste sentido, os autores observaram que as construções sociais predominantes sobre os papéis de gênero afetavam a cultura organizacional e sustentavam estratégias de gestão tendenciosas em detrimento das mulheres que trabalhavam em ambientes dominados por homens.

É notório a partir da fala das entrevistadas, o fato de ser mulher já traz uma cultura com significados e vivências na indústria da construção civil. E através disso, outra dificuldade apresentada nos resultados, revelou-se através da falta de oportunidade por questões de gênero como mostra a fala a seguir:

[...] assim, o único problema que nós mulheres temos em obra é que são muito poucas oportunidades para nós, do fato da gente ser mulher. Não temos como crescer dentro de uma obra, por que muitas vezes a gente espera uma

oportunidade de uma pessoa para a gente crescer, às vezes temos competências, mas por sermos mulheres a gente não tem (E55).

Como citam Rosa *et al.* (2017) a indústria da construção civil evidencia as dificuldades no dia a dia das mulheres, uma vez que estas precisam superar os desafios encontrados. Os autores apontam que a percepção negativa em relação às mulheres na construção é um fator que impede a progressão da carreira trabalhista.

Outra dificuldade relevante apresentada pelas mulheres trabalhadoras de obras de construção civil, diz respeito à temática do machismo e da desvalorização, como pode ser observado através das falas:

[...] justamente por que tem muito machista, principalmente na construção civil [...] (E1).

Assim, como a gente trabalha em obra nós não somos valorizadas, por que temos que erguer a cabeça e não pensar nos outros é pensar na gente e nos filhos que estão em casa. Então a gente não deve escutar certas coisas. Eu como trabalho no refeitório já escutei muita coisa, é por que eu não ligo, hoje em dia quem fala coisa comigo eu não escuto, eu entrego nas mãos de Deus, por que ele sabe o que faz, eu não levo na maldade nem nada. È tanto que eu já escutei muita coisa, mas eu faço de conta que não existe. Me desvalorizam muito, diz que mulher que trabalha em obra é puta, safada, gaieira, que dá pra todo mundo, que transa na obra e muita coisa mais eles me falam aqui, e quase que diariamente [...] (E13).

[...] rapaz, só muitos que dizem quando a gente senta para conversar: se fosse minha mulher eu não deixaria trabalhar em obra, pra mim isso é machismo. Por que acha que qualquer peão vai mexer, e só se ela for querer dar ousadia né? [...] (E14)

[...] quando cheguei numa construtora tinham vários homens dando piada, fazendo deboche sendo a primeira vez que fui trabalhar com isso, até fiquei com vergonha de trabalhar e não querer ir mais. Dizendo coisas feias comigo, me desvalorizando, dizendo que eu era uma biscate, enfim foi muito ruim a experiência e ainda lembro da voz que falou isso até hoje [...] (E45)

Os depoimentos demonstram o menosprezo e a desvalorização das mulheres trabalhadoras baseadas nas relações de poder verbalizadas pelos homens. Lombardi (2017) ao estudar o processo de feminização no segmento específico da construção civil identificou a existência de situações explícitas de discriminação e violência, relatando que as mulheres vivenciam diariamente uma cultura profissional machista.

Ibáñez (2017) em sua pesquisa identificou as barreiras enfrentadas pelas mulheres que trabalhavam na indústria da construção civil, dentre elas, a cultura marcada pela masculinidade foi evidenciada. A cultura masculina e a feminilidade foram barreiras citadas, no sentido de que muitas vezes as mulheres vivenciam a desvalorização no trabalho e tem que conviver com a supervalorização das características masculinas em desvantagens das femininas.

Uma dificuldade relatada pelas mulheres diz respeito as questões sobre o assédio nas obras de construção civil como pode-se ver a seguir através das falas:

[...] os assédios existem, os preconceitos também [...] essa questão das gracinhas mesmo, as piadinhas, as ousadias (E3).

[...] tinha muito assim os peão dava muito em cima da gente, chamava para ir fazer aquelas coisas, não respeitava, aí foi quando teve muita dificuldade, teve uma época até que eu pedi para sair da empresa, por que era muito chato, ir trabalhar e chegar os colegas de trabalho com essas coisas eu vivia muito, sei lá não gostava. [...] esse negócio de os homens chamar agente para fazer sexo, eu não gostei não, foi a parte que achei mais difícil [...] (E4).

[...] o mais difícil é o assédio dos homens, assim quando eu entrei mesmo era demais. Eles assediavam mesmo, queriam marcar para sair e não era só os peão não. Os próprios engenheiros, encarregados, a chefia toda. É muito difícil lidar com essas atitudes, sou casada e só quero que me respeitem.(E54).

Lombardi (2017) em seu estudo sobre os desafios do processo de feminização do ramo da engenharia civil no Brasil identificou indícios consistentes de práticas de assédio moral e sexual no segmento de edificações habitacionais da construção civil. Apresentando desta maneira, que os assédios acontecem com frequência no ramo da construção civil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho abordou questões referentes ao estresse, saúde e as relações no ambiente de trabalho no ramo da construção civil. Observou-se a existência do estresse nas mulheres trabalhadoras em obras e uma relação significativa com a saúde, ou seja, o estresse e a saúde

geral estão negativamente correlacionados. Tal fato pode prejudicar a saúde geral das trabalhadoras e conseqüentemente influenciando as atividades laborais.

Nas palavras das mulheres entrevistadas foi possível perceber a dificuldade vivenciada diariamente no tocante ao preconceito, e as barreiras que estas precisam superar. Os fatos apontaram que a ocupação de novos espaços pelas mulheres traz indagações para o cenário trabalhista, que terá que adaptar-se na quebra de preconceito e paradigmas. Neste sentido, o preconceito e a discriminação são estressores que atuam diretamente no dia a dia das mulheres pesquisadas.

Tais achados corroboram com as pesquisas atuais e com grande parte da literatura, que descrevem as dificuldades experimentadas por mulheres da construção civil, que inclui assédio, discriminação, cultura organizacional e barreiras neste setor. Estas atitudes contribuem muitas vezes para uma carreira limitada, com baixas perspectivas e elevados índices de estresse para as mulheres.

Percebe-se que a inserção das mulheres no mercado de trabalho da construção civil traz consigo indagações acerca das relações de gênero, estresse e saúde geral que precisam ser mais exploradas. Uma vez que muitas mudanças estão ocorrendo nos cenários trabalhistas e estes achados podem promover mudanças nas relações de trabalho na indústria de construção civil e na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

Amaro, M. C., Filho, L. A. S., Santos, F. V. D. (2016). A mulher no mercado de trabalho formal da Construção Civil Brasileira. *Revista de Desenvolvimento Econômico*,1(33), 132-153.

Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Cattel, K., Bowen, P., Edwards, P. (2016). Stress among South African construction professionals: a job demand-control-support survey. *Journal Construction Management and Economics*, 34(10).

Cohen, S., Gianaros, P. J., Manuck, S. B. (2016). A stage model of stress and disease. *Perspectives on Psychological Science*, 11(4), 456-463.

Devi, K., Kiran, U. V. (2013). Status of Female Workers in Construction Industry in India: A Review. *Journal Of Humanities And Social Science*, 14(1), 27-30.

Faro, A., Pereira, M. N. (2013). Estresse: Revisão narrativa da evolução conceitual, perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 14(1), 78-100.

Gouveia, V. V., Chaves, S. S. S., Oliveira, I. C. P, Dias, M. R., Gouveia, R. S. V., Andrade, P. R. (2003). A utilização do QSG-12 na população geral: estudo de sua validade de construto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 241-248.

Gouveia, V. V., Lima, T. J. S., Gouveia, R. S. V., Freires, L. A., Barbosa, L. H. G. M. (2012). Questionário de Saúde Geral (QSG-12): o efeito de itens negativos em sua estrutura fatorial. *Cadernos de Saúde Pública*, 28(2), 375-384.

Ibáñez, M. (2017). Women in the construction trades: Career types and associated barriers. *Women's Studies International Forum*, 60, 39-48.

Lombardi, M. R. (2017). Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, 47(163), 122-146.

Lipp, M. E. N. *Inventário de Sintomas do Stress para adultos*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2000.

Luft, C. B. Sanches, S. O., Mazo, G. Z., Andrade, A.(2007). Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 606-615.

Mariotti, A. (2015). The effects of chronic stress on health: new insights into the molecular mechanisms of brain-body communication. *Future Science*, 1(3): 023.

- Martin, P., Barnard, A. (2013). The experience of women in male – dominated occupations: A constructivist grounded theory inquiry. *Sa Journal of Industrial Psychology*, 39(2), 1099-1111.
- Nordenfelt, L. (2017). On concepts of positive health. *Handbook of the Philosophy of Medicine*, 29-43.
- Reichert, F. F., Loch, R.; Capilheira, M. F. (2012). Autopercepção de saúde em adolescentes, adultos e idosos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(12), 3353-3362.
- Rom, O.; Reznick, A. Z. (2015). The stress reaction: a historical perspective. *Respiratory Contagion*, 905(1), 1-4.
- Rosa, J. E., Hon, C. K. H., Xia, B., Lamari, F. (2017). Challenges, success factors and strategies for women’s career development in the Australian construction industry. *Construction Economics and Building*, 17(3), 27-46.
- Schönfeld, P., Brailovskaia, J., Bieda, A., Zhang-Chi, X., Margraf, J. (2016). The effects of daily stress on positive and negative mental health: Mediation through self-efficacy. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 16(1), 1-10.
- Selye, H. (1946). The general adaptation syndrome and the diseases of adaptation. *Journal of Clinical Endocrinology & Metabolism*, 6(2), 117-230.
- Selye, H. *Stress: A tensão da vida*. São Paulo: IBRASA; 1965.
- Silva, N., Samanmali, R., Silva, H. L. (2017). Managing occupational stress of professionals in large construction projects. *Journal of Engineering, Design and Technology*, 4-25.
- Souza, M. B. C., Silva, H. P., Coelho, N. L. G. (2015). Resposta ao estresse: I. Homeostase e teoria da alostase. *Estudos de Psicologia*, 20(1), 2-11.
- Umann, J., L., Guido, L. A., Silva, M. (2014). Estresse, coping e presenteísmo em enfermeiros que assistem pacientes críticos e potencialmente críticos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(5), 891-898.

TABELAS

Tabela 1: Correlação entre escala de estresse percebido e o questionário de saúde geral das mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE- 2017

Questionário de Saúde Geral	ESP
	Rho (p-valor)
Depressão	-0,50 (<0,001)
Ansiedade	-0,52 (<0,001)
Auto-eficácia	-0,62 (<0,001)
Saúde Geral	-0,74 (<0,001)

ESP – Escala de Stress Percebido; Rho – Correlação de Spearman

Tabela 2: Médias das fases do estresse e do questionário de saúde geral de mulheres trabalhadoras de obras de construção civil da Grande Aracaju-SE 2017

	GHQ			
	Depressão	Ansiedade	Auto Eficácia	Saúde Geral
Alerta	μ (dp)	μ (dp)	μ (dp)	μ (dp)
Sim	33,33 (0)	55,56 (0)	75 (0)	52,78 (0)
Não	61,55 (22,17)	57,34 (29,11)	75,74 (21,98)	65,23 (18,09)
p-valor	0,212	0,952	0,973	0,498
Resistência				
Sim	57,37 (23,57)	51,51 (30,27)	68,93 (23,41)	59,76 (18,33)
Não	66,11 (19,74)	65,28 (25,23)	85,07 (15,34)	72,22 (15,08)
p-valor	0,145	0,075	0,005	0,009
Quase-Exaustão				
Sim	66,67 (24,04)	48,15 (16,97)	58,33 (14,43)	59,26 (11,56)
Não	60,74 (22,38)	57,82 (29,39)	76,70 (21,80)	65,33 (18,31)
p-valor	0,658	0,577	0,157	0,574

ANOVA; dp– Desvio Padrão; μ = Média

